

MARÉ DIZ NÃO AO CORONAVÍRUS

A jornada da Redes da Maré
por saúde e direitos em meio
à pandemia



mórula
EDITORIAL





2021-REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ

Rua Sargento Silva Nunes, 1012

Nova Holanda – Maré

Rio de Janeiro – RJ

CEP: 21044-242

TEL: (21) 3105-5531

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Eliana Sousa Silva, Luna Arouca

SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS E ELABORAÇÃO DE CONTEÚDOS

ORGANIZAÇÃO GERAL DA CAMPANHA

Andréia Martins, Eliana Sousa Silva, Gisele Martins, Lidiane Malanquini e Maíra Gabriel Anhorn

SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

Andréia Martins, Bianca Cambiaghi, Eliana Sousa Silva, Gisele Martins, Joelma dos Santos, Kelly Marques, Maíra Gabriel Anhorn e Pâmela Carvalho

ATENDIMENTO ÀS POPULAÇÕES EM SITUAÇÃO DE RUA

Luna Arouca, Maíra Gabriel Anhorn e Mariana Aleixo

ACESSO A DIREITOS, CUIDADOS E PREVENÇÃO EM SAÚDE

Eliana Sousa Silva, Lidiane Malanquini, Luna Arouca e Maíra Gabriel Anhorn

PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES E CONTEÚDOS SEGUROS

Andréa Blum, Camila Barros, Dani Moura, Edson Diniz, Geisa Lino, Jéssica Pires, Lidiane Malanquini e Moniza Rizzini

GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA

Andreza Jorge, Mariana Aleixo e Maíra Gabriel Anhorn

APOIO A ARTISTAS, PRODUTORES E GRUPOS CULTURAIS LOCAIS

Bia Policicchio, Gabriel Lima, Geisa Lino, Isabella Porto, Pâmela Carvalho, Raquel Tamaio e Tatiana Altberg

SETORES ESTRATÉGICOS

CAPTAÇÃO DE RECURSOS: Andréia Martins, Andréa Blum, Eliana Sousa Silva, Gisele Martins, Isabella Porto, Kelly Marques, Maíra Spilak e Pâmela Carvalho

ASSESSORIA DE IMPRENSA: Luciana Bento

EDIÇÃO

Anabela Paiva

ENTREVISTAS

Diego Alves e Diego Jesus

REVISÃO DE TEXTO

Lívia Abdala

FOTOS

Diego Alves (depoimentos), Douglas Lopes, Kamila Camillo e voluntários que colaboraram com registros da campanha

CAPA

Arte sobre fotos de Douglas Lopes, Kamila Camillo

PROJETO GRÁFICO

Patrícia Oliveira

MARÉ DIZ **NÃO** AO CORONAVÍRUS

A jornada da Redes da Maré
por saúde e direitos em meio
à pandemia



mórula
EDITORIAL

Copyright © Redes da Maré.

Todos os direitos desta edição reservados
à MV Serviços e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Elaborado por Leandra Felix da Cruz Candido – CRB 7/6135

M279

Maré diz não ao coronavírus : a jornada da Redes da Maré por saúde e direitos em meio à pandemia / coordenação Eliana Sousa Silva, Luna Arouca. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Mórula, 2021.

128 p. : il. ; 23 cm.

Inclui índice.

ISBN: 978-65-86464-36-8

1. Maré - Aspectos sociais. 2. Favelas – Aspectos sociais. 3. Redes da Maré. 4. COVID-19 (Doenças) – Aspectos sociais. I. Silva, Eliana Sousa. II. Arouca, Luna.

21-70410

CDD: 362.1962414

CDU: 364.6:(616.98:578.834)



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904
20021-360 _ Lapa _ Rio de Janeiro _ RJ
www.morula.com.br _ contato@morula.com.br
[f/morulaeditorial](https://www.facebook.com/morulaeditorial) [@/morula_editorial](https://www.instagram.com/morula_editorial)

*Este livro é dedicado a todas as vítimas da Covid-19
no Brasil, suas famílias e seus amigos.*





SUMÁRIO

- 8 **INTRODUÇÃO**
- 12 **COMO A MARÉ DISSE NÃO AO CORONAVÍRUS**
- 19 **A CAMPANHA EM NÚMEROS**
- 26 **SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL**
 - 27 Alimentos, produtos de limpeza e kits de higiene
 - 29 Um banco de dados
 - 30 As entrevistas sociais
 - 33 Cestas na carteira
- 39 **CADASTRO DA CAMPANHA É RETRATO DA INJUSTIÇA BRASILEIRA**
 - 44 Desigualdades na Maré
 - 44 Ampliando a escuta
- 51 **SABORES E CUIDADOS PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA**
- 57 **ACESSO A DIREITOS, CUIDADOS E PREVENÇÃO EM SAÚDE**
 - 58 Doação de EPIs para unidades de saúde
 - 59 Desinfecção de ruas e distribuição de álcool e máscaras
 - 60 Atendimento ao público: “Maré de Direitos” e “De olho no Corona!”
 - 61 Um novo canal de comunicação
 - 62 Conexão Saúde: de olho na Covid!

67 **PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES
E CONTEÚDOS**

- 68 Podcast "Maré em tempos de Coronavírus"
- 68 Por dentro da Maré
- 69 Maré de Notícias
- 69 Campanha "Se liga no corona!"
- 70 Boletim "De olho no corona!"

77 **GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA**

- 78 Cozinheiras colocam a mão na massa
- 81 Costureiras produzem máscaras
- 84 Motoristas levam esperança a toda a Maré
- 88 Moradores higienizam ruas, becos e vielas

89 **APOIO A ARTISTAS, PRODUTORES E GRUPOS
CULTURAIS LOCAIS**

- 91 Novas formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas
- 92 Corpo em isolamento
- 94 A Maré de Casa

95 **ÁREAS ESTRATÉGICAS: CAPTAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

- 99 Do início ao fim, a comunicação
- 101 Assessoria de imprensa e comunicação externa

102 **A CAMPANHA EM RESUMO**

- 103 Resultados
- 105 Desafios
- 107 Aprendizados

109 **A COVID E A DESIGUALDADE NO BRASIL E NA MARÉ:
DESAFIOS PARA A PRÓXIMA DÉCADA**

- 112 O enfrentamento das desigualdades
- 114 O papel das organizações da sociedade civil e o lugar da Redes da Maré

117 **A REDE QUE TECEU A CAMPANHA**



INTRODUÇÃO

Um ano depois do registro do primeiro caso de Covid-19, o Brasil vive o pior momento da pandemia. No dia em que escrevemos este texto, em 8 de março de 2021, o país assiste ao crescimento acelerado de mortes pela doença, com recordes sucessivos de mortes diárias. Já são mais de 265 mil os brasileiros mortos e 11 milhões os infectados pelo novo Coronavírus, mais do que em todas as nações do mundo, exceto os Estados Unidos. Com tantos doentes, a rede pública de saúde está em colapso ou à beira dele em quase todos os estados. O cenário é catastrófico e a vacinação insuficiente para permitir o controle da pandemia a curto prazo.

No Rio de Janeiro a situação também é extremamente grave. Em 2020, no dia 19 de março, os fluminenses se assustaram com o anúncio da primeira morte por Covid-19. Cleonice Gonçalves, 63 anos, morreu na cidade serrana de Miguel Pereira. Empregada doméstica, fora contaminada pela empregadora, recém-chegada da Europa e moradora do Leblon, bairro da Zona Sul carioca. Quase um ano depois, o estado do Rio de Janeiro é o sétimo do país em contaminados — são 594 mil casos — e o segundo em vítimas fatais — um total de 33 mil. Já a capital fluminense é o terceiro município brasileiro em casos de covid-19, com 209 mil infectados, e o primeiro em mortos pela doença, com 19 mil óbitos.

Simbólica, a morte de Cleonice diz muito sobre o quanto os pobres, que precisam manter seu trabalho e enfrentam mais dificuldades em praticar o isolamento social, são vulneráveis ao contágio pela Covid-19. Foi por saber desta realidade que, logo no início da pandemia, a Redes da Maré mobilizou organizações parceiras, doadores e voluntários para reduzir os efeitos desastrosos da pandemia sobre a região. Mais populoso do que a maioria dos municípios do Brasil, o Complexo da Maré abriga 140 mil pessoas em suas 16 favelas. Desde o anúncio da pandemia, 1.606 moradores da região foram infectados e 169 morreram em decorrência das complicações causadas pelo vírus.

A difusão do novo Coronavírus trouxe desafios além da saúde. Os efeitos da pandemia sobre a economia agravaram a situação das pessoas mais afetadas pela negligência governamental, que ficaram sem recursos para garantir a própria subsistência e em situação extremamente precária. Poucos dias após o decreto governamental que determinou restrições ao comércio e ao transporte no estado do Rio de Janeiro,

pedidos de ajuda de famílias que já enfrentavam dificuldades para atender às necessidades mais básicas começaram a chegar à sede da Redes da Maré. Era preciso agir, e rápido.

Graças ao apoio de organizações parceiras, em 23 de março a campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** já estava nas ruas, distribuindo cestas de alimentos e kits de higiene pessoal e limpeza. Até outubro de 2020, mais de 17 mil famílias receberam esse apoio. A empreitada se expandiu para várias outras frentes: geração de trabalho e renda; atendimento à população em situação de rua; acesso a direitos, cuidados e prevenção em saúde; e produção e difusão de informações e conteúdos. O esforço mereceu dois prêmios: o de Empreendedor Social do Ano 2020, da Folha de S. Paulo, na categoria “Legado Pós-Pandemia” e o Carolina Maria de Jesus de Direitos Humanos, concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

A construção rápida de uma iniciativa tão ampla só foi possível pelo investimento que sempre fizemos na produção de conhecimento e construção de projetos estruturantes para a melhoria da qualidade de vida e acesso a direitos. Diante da pandemia, foi possível redirecionar esforços para uma campanha que, na verdade, não foi uma iniciativa pontual, mas é parte de um trabalho de duas décadas. Registramos neste livro a nossa experiência: os principais passos desta jornada, as decisões tomadas, os métodos escolhidos, os desafios enfrentados e os resultados obtidos. Esperamos que esta leitura inspire novas ações em favor das populações de favelas e periferias.

Apesar de nos sentirmos bem-sucedidos pela contribuição da Redes da Maré para que tantos moradores da Maré atravessassem com mais dignidade aqueles meses, este balanço também nos traz tristeza. Quando iniciamos a campanha, não poderíamos imaginar que, um ano depois, ao invés de termos alcançado o controle da doença, viveríamos um contexto sanitário e socioeconômico ainda mais grave. A ausência e inoperância dos três níveis de governo – federal, estadual e municipal –, que não coordenaram uma estratégia de combate à pandemia, nem, tampouco, implementaram ações sustentáveis de proteção social, são os principais fatores na crise atual. Uma omissão coerente com a escassez histórica de políticas públicas voltadas à parcela da população brasileira que mais necessita do reconhecimento dos seus direitos.


Em 2021, a sociedade civil precisa retomar a mobilização para mitigar o sofrimento trazido pela crise humanitária. Mas cabe ao poder público assumir o protagonismo na proteção social, atuando com organizações locais e valendo-se da sua experiência e conhecimento para estabelecer mecanismos eficazes e permanentes de amparo aos mais necessitados. Neste livro, mostramos que essas instituições, profundamente conectadas ao território, têm muito a contribuir para o desenvolvimento de métodos e ações e vêm desempenhando um papel fundamental na criação de respostas para a crise humanitária que vivemos.

Seguimos na luta diária, que dá sentido a tudo que criamos e vivenciamos. Acreditamos na ciência, mas também na poesia que encanta a alma e a vida. Levamos conosco alguns aprendizados e pensamos no que nos diz o escritor Fernando Sabino:

De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar...
Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!¹

É pela vida de todos nós que a cada passo inventamos o nosso caminho e, a cada dúvida, descobrimos o sentido das nossas práticas.

1. Texto adaptado do original de Fernando Sabino em "O Encontro Marcado". Editora Record, 2011.

A photograph of a worker in full personal protective equipment (PPE) performing disinfection. The worker is wearing a yellow protective suit, a high-visibility vest, gloves, and a respirator mask. They are carrying a backpack sprayer and using a long-handled nozzle to spray a wall in a narrow, outdoor alleyway. The wall is weathered and has some graffiti. The ground is paved and shows some litter. The scene is set in a densely populated urban area.

COMO A MARÉ DISSE NÃO AO CORONAVÍRUS

FOTO: DOUGLAS LOPES

A campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** foi organizada em várias frentes. Com cerca de 300 pessoas engajadas diariamente, a campanha mobilizou uma rede de parcerias com pessoas físicas e instituições de diversas áreas. Ao longo de 2020, a Campanha recebeu 15 milhões de reais em doações, além de mais de 2 mil toneladas em alimentos e itens de limpeza e higiene pessoal.

O desafio era gigantesco, já que o Complexo da Maré abriga 140 mil pessoas, o que significa que, do ponto de vista populacional, é maior do que 96,4% dos 5.570 municípios brasileiros. Construídas gradual e coletivamente, as ações da campanha foram organizadas em seis frentes, que designavam os principais desafios trazidos pela pandemia:



SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

Entrega, de porta a porta, de cestas básicas com alimentos e itens de higiene pessoal e de limpeza. Os itens foram destinados às famílias mais pobres da Maré e aquelas em situação de maior vulnerabilidade.



ATENDIMENTO ÀS POPULAÇÕES EM SITUAÇÃO DE RUA

Produção e distribuição de refeições para populações em situação de rua, realizadas por uma equipe de redutores de danos que acompanha usuários de crack e outras drogas, em suas diversas demandas, e viabiliza encaminhamentos e articulações com outras instituições públicas.



GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA

Criação de novos postos de trabalho nas ações da campanha, tendo como prioridade a contratação de moradores da Maré, com atenção especial às mulheres responsáveis pela renda do domicílio/família e ao reconhecimento e fortalecimento de profissionais locais.



ACESSO A DIREITOS, CUIDADOS E PREVENÇÃO EM SAÚDE

Disponibilização de atendimento digital diário para acolhimento das demandas relacionadas às questões de saúde, violações de direitos e dúvidas sobre como acessar meios para reivindicar direitos. Esta frente promoveu, também, testagem de moradores da Maré; atendimento médico online; programa de isolamento domiciliar seguro; arrecadação de Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs) para as unidades de saúde da Maré e as que atendem à região; desinfecção de todas as ruas, vielas e becos da Maré; e distribuição de álcool em gel e máscaras de tecido.



PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES E CONTEÚDOS SEGUROS

Realização de uma série de materiais de comunicação, em diferentes linguagens, para veiculação em plataformas online, como perfis nas redes sociais, site e canais da Redes da Maré. A ação colaborou para que moradores tivessem acesso a informações seguras e recomendações de prevenção, baseadas em evidências científicas, e acompanhassem a situação da pandemia na Maré e em outras áreas de favela e periferia.



APOIO A ARTISTAS, PRODUTORES E GRUPOS CULTURAIS LOCAIS

Seleção e financiamento de projetos voltados ao reconhecimento e fortalecimento dos artistas locais e incentivo às expressões artísticas dos moradores da Maré. A ação alcançou, também, a produção de jornalistas residentes na Maré sobre a pandemia.



FOTO: KAMILA CAMILLO

Rodrigo Alexandre da Silva entrega cesta a uma moradora: a campanha distribuiu 1.980 toneladas de alimentos e produtos de higiene pessoal e limpeza

A expressiva adesão e suporte à campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** foram resultado do empenho e da colaboração direta de diversas instituições e grupos locais. As equipes da Redes da Maré em si, por meio de seus trabalhos de atendimento e plantões presenciais, especialmente no âmbito do projeto *De Olho no Corona*, asseguraram grande parte da capilaridade da campanha no território da Maré, com encaminhamentos diretos de famílias para o recebimento de cestas. A empreitada foi realizada com a importante parceria de grupos que atuam na região da Maré, como as ONGs Luta pela Paz, Uerê, Vida Real e Observatório de Favelas, além das 16 associações de moradores das comunidades do bairro. Também contamos com o apoio de equipamentos sociais públicos, como o Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) Visconde de Sabugosa, Centro Terapêutico Bonsucesso e o programa Territórios Sociais do Instituto Pereira Passos.

Uma efetiva corrente solidária se formou para que famílias da Maré pudessem ter acesso às doações e aos demais desdobramentos de atendimentos, a partir da campanha. Diante das históricas negligências do Estado na região, a sociedade civil atuou de forma proativa, em rede e com recursos próprios para enfrentar a maior crise sanitária dos últimos 100 anos.



Priscila Ribeiro de Jesus

32 ANOS
VOLUNTÁRIA
NOVA HOLANDA

Quando a pandemia começou, tive crises de ansiedade. Eu trabalhava vendendo bronzeador e fiquei desesperada. Pensava: “Qual vai ser a renda para mim e para as minhas filhas?”. Depois que eu fui ser voluntária, a minha ansiedade diminuiu, graças a Deus. Eu vi que não era um bicho de sete cabeças, não ia ser tão desesperador assim. E me fez bem ajudar. Entrei em abril e estou até hoje, em janeiro.

Eu fazia a distribuição de cestas. Foi muito gratificante. Não imaginava que na comunidade em que eu morava tinha pessoas que estavam precisando tanto de ajuda. Moradores desesperados, sem comer dentro de casa – quando a gente chegava com a cesta, era uma alegria imensa. Teve um caso que me marcou. Fui entregar uma cesta e a vizinha disse: “Eu me inscrevi, mas a minha não chegou”. Eu disse que ia chegar, para ela aguardar. Mas quando fomos sair, ela me puxou, me levou pra cozinha e abriu o armário. Não tinha nada na casa dela. E ela desesperada: “Eu não sei o que vou comer”. Quando cheguei lá na Redes, conversei com Eliana, ela pediu pra gente checar os dados, se ela tinha feito a inscrição, e liberou a cesta. Foi gratificante saber que ela ia ter o que comer.

Para mim, também ficou complicado. Tinha de sobreviver com o dinheiro da pensão das minhas filhas e a ajuda da minha mãe. Eu também recebi da Redes da Maré um cartão com um saldo de 215 reais, que podia usar para comprar remédio ou o gás. Isso ajudou. Hoje sou articuladora no projeto Conexão Saúde. Levamos refeições, produtos de limpeza, sabonete, álcool para as pessoas que testam positivo para a Covid, para evitar que precisem sair na rua.

Essa experiência mudou o meu jeito de pensar. A gente não é nada. A gente tem de aprender com as pessoas, têm de ajudar mais o próximo. A gente acha que não tem nada, mas tem pessoas que não têm nada mesmo. É cada história que a gente escuta, se eu pudesse ajudaria todo mundo. Então, a campanha me fez uma pessoa melhor, me fez olhar o próximo com mais cuidado, com mais amor. ■■■

A melhor coisa pra mim foi ser voluntário. Eu saí do quartinho que era meu escritório. Comecei a entregar cestas e a conhecer as pessoas que estavam mesmo precisando. Aí a gente começa a reconhecer que a gente é gente. É emocionante encostar o carro na porta da pessoa, tirar a cesta, e a pessoa vir e te agradecer. Agradecer à Redes da Maré. E a Redes fez um trabalho tão correto que ia justamente naquela pessoa que estava precisando mesmo. E se a pessoa não estava precisando, chegava e falava: “Eu não estou precisando, cara, pode levar de volta”. Vinham pessoas chorando, gente que tinha perdido a esperança.

Minha profissão era a de vendedor de cervejaria. Eu vivia que nem um doido pra vender, bater a meta. Brabo. Nervoso. A Redes me fez conhecer o outro lado da vida. Eu não era pago, mas ganhava a cesta. Depois de 28 anos de trabalho, a empresa me “chutou”, falando que eu não tinha mais perfil para trabalhar. Em agosto, no meio da pandemia. Fiquei sem chão. Não tinha como desenrolar com ninguém. Mas agora sou tecedor da Redes, estou trabalhando. ■■■



Rondio da Silva Santos

40 ANOS
VOLUNTÁRIO
NOVA HOLANDA





A CAMPANHA EM NÚMEROS



**R\$ 15
MILHÕES**
ARRECADADOS



54.709
PESSOAS
BENEFICIADAS



6.714
TESTES PARA
COVID-19
(ATÉ 17/12)

1.980
TONELADAS
DE ALIMENTOS
E PRODUTOS
DISTRIBUÍDOS



17.648
FAMÍLIAS
RECEBERAM
CESTAS DE
ALIMENTOS
E KITS DE
HIGIENE



54

COSTUREIRAS
ENGAJADAS NA PRODUÇÃO
DE MÁSCARAS



280 MIL

MÁSCARAS DISTRIBUÍDAS



300

'TECEDORES' E
VOLUNTÁRIOS
ENVOLVIDOS

22

COZINHEIRAS
ENVOLVIDAS NO
PREPARO DE

65 MIL

REFEIÇÕES
OFERECIDAS
A PESSOAS
EM SITUAÇÃO
DE RUA



30

MORADORES
CONTRATADOS
PARA LIMPEZA
E DESINFECÇÃO
DAS RUAS



13

MOTORISTAS
ENCARREGADOS
DA ENTREGA DE
DOAÇÕES



70 MIL
MENSAGENS
RECEBIDAS PELO
WHATSAPP



20
EPISÓDIOS
DO PODCAST
*MARÉ EM TEMPOS
DE CORONAVÍRUS*



568
ARTIGOS, MATÉRIAS
E REPORTAGENS
NA IMPRENSA



12.486
ENTREVISTAS
SOCIAIS
REALIZADAS



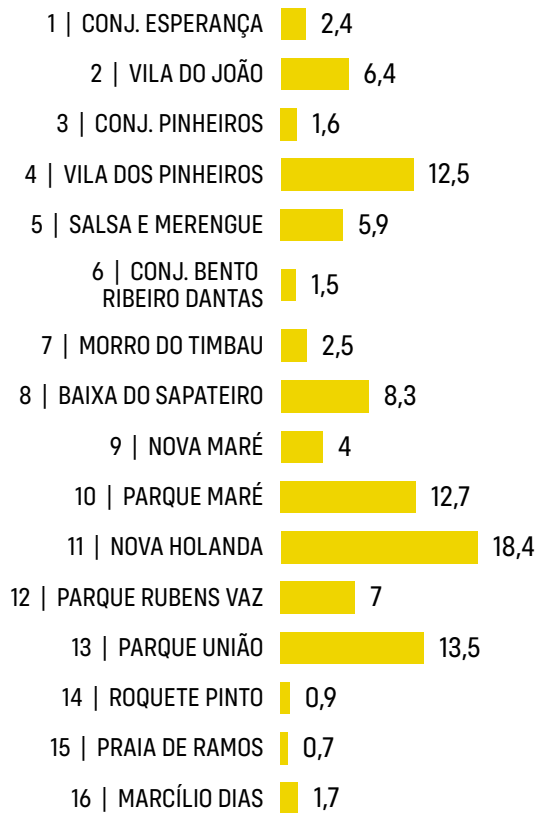
25
BOLETINS
*DE OLHO NO
CORONA!*

31
BOLSAS DE
INCENTIVO
PARA PROJETOS
ARTÍSTICOS,
CULTURAIS E DE
COMUNICAÇÃO





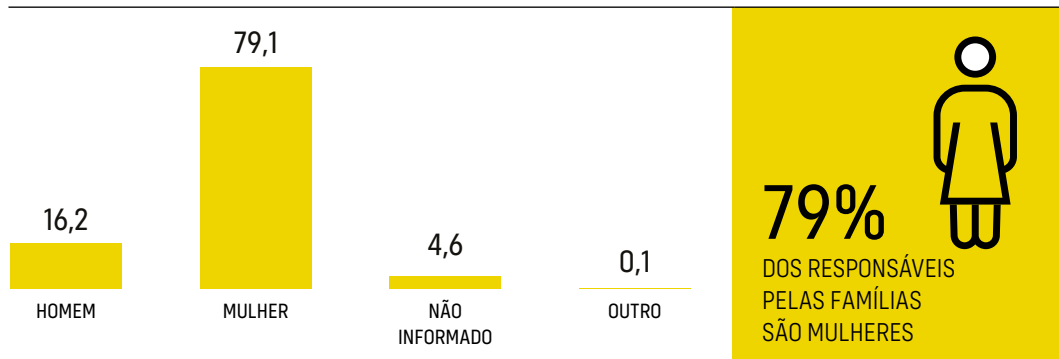
ONDE MORAM AS FAMÍLIAS ATENDIDAS (PERCENTUAL)



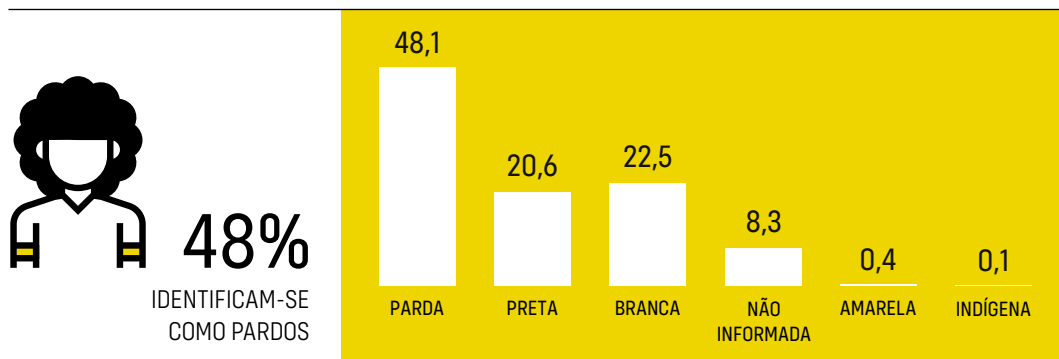
PERFIL DAS FAMÍLIAS ATENDIDAS*

(COM BASE EM ENTREVISTAS SOCIAIS REALIZADAS ENTRE 24/04 E 17/09 DE 2020)

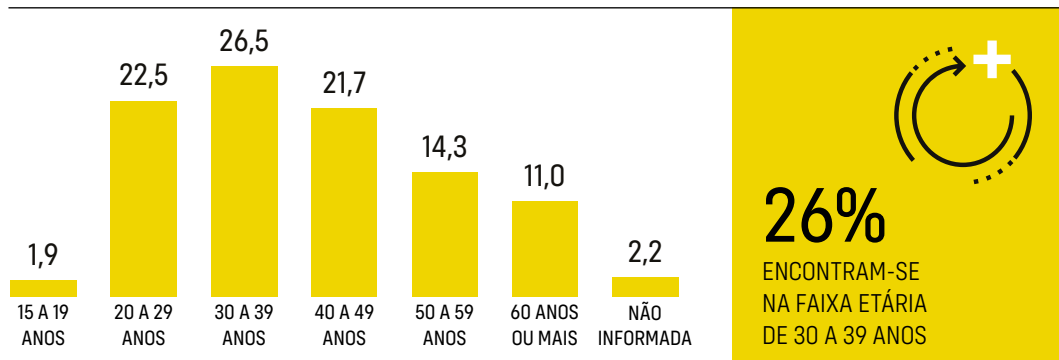
GÊNERO DO RESPONSÁVEL FAMILIAR (%)



COR/RAÇA DO RESPONSÁVEL FAMILIAR



FAIXA ETÁRIA DO RESPONSÁVEL FAMILIAR (%)



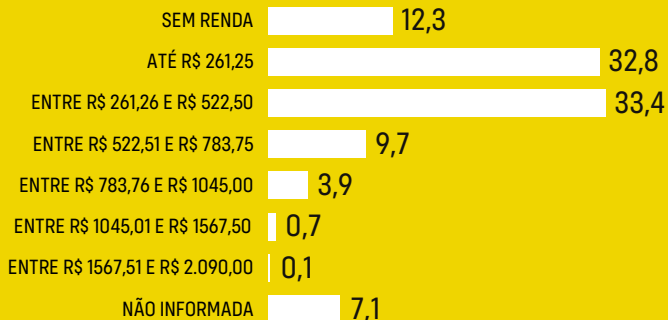
* Os valores percentuais estão aproximados para uma casa decimal. Por isso, o somatório poder ser diferente de 100,0%.

RENDA FAMILIAR PER CAPITA (% DO TOTAL DE FAMÍLIAS BENEFICIADAS)

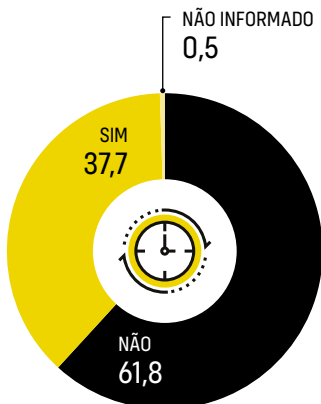


79%

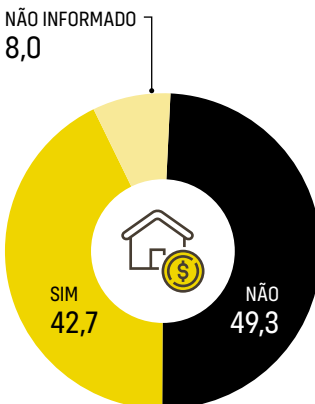
TÊM RENDA INFERIOR
A 1 SALÁRIO MÍNIMO



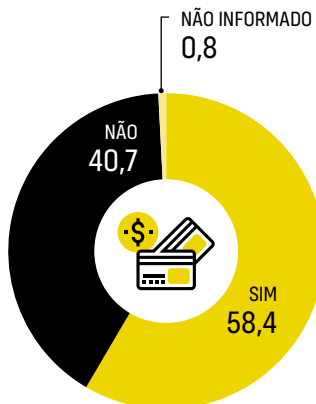
ALGUM MORADOR ESTÁ TRABALHADO? (%)



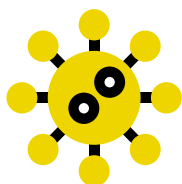
PAGA ALUGUEL? (%)



ALGUM MORADOR RECEBE BENEFÍCIO SOCIAL? (%)

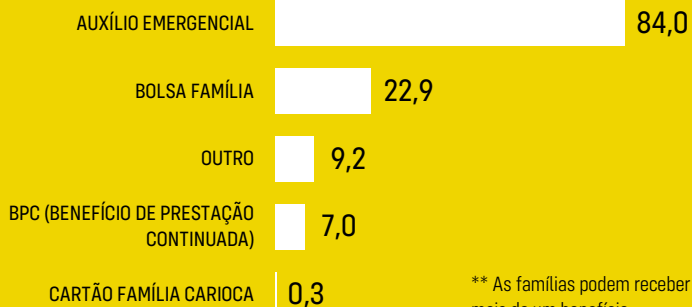


BENEFÍCIOS RECEBIDOS (%)**



84%

RECEBEM AUXÍLIO
EMERGENCIAL



** As famílias podem receber mais de um benefício.

SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL



Já nos primeiros dias de março ficou claro para a Redes da Maré que seria necessário articular uma ação relacionada à Segurança Alimentar e Nutricional. A população sentiu rapidamente o efeito do fechamento de lojas e empresas, a proibição de eventos, a interrupção de obras e de inúmeros serviços – especialmente os trabalhadores informais. Vale registrar que essa população já sofria com o aumento do desemprego no Brasil – no primeiro trimestre de 2020, a taxa de desemprego passou de 11%, registrada ao fim de 2019, para 12,2%², perfazendo um total de 12,9 milhões de pessoas.

Na Maré, essa situação se concretizou nas pessoas que, em completo desamparo, vinham bater à porta da Redes para pedir ajuda. Por isso, a primeira ação emergencial organizada, ainda no início da pandemia, foi a de arrecadação e doação de alimentos. A partir dessa iniciativa, estruturou-se a campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**.

Alimentos, produtos de limpeza e kits de higiene

Por seis meses, entre 27 de março e 30 de setembro, famílias da Maré receberam cestas de alimentos, água mineral, produtos de limpeza e itens de higiene pessoal. As entregas, feitas de porta a porta, foram organizadas em cinco etapas e atingiram o total de 17.648 famílias. Cada cesta continha 48 kg de alimentos, suficientes para alimentar uma família de quatro pessoas por um mês. Outras famílias receberam, ao invés dos produtos, cartões com saldo suficiente para comprar nos mercados os produtos distribuídos nas cestas.

Ao todo, foram doadas 1.980 toneladas de alimentos e de produtos de limpeza e higiene pessoal – uma ação que beneficiou 54.709 pessoas. As entregas envolveram diretamente 167 pessoas, trabalhando seis dias por semana, enquanto as doações chegavam e enchiam o Centro de Artes de Maré, transformado em centro de logística.

Inicialmente, a campanha foi idealizada para alcançar 6 mil famílias, durante três meses. Essas eram as famílias identificadas como mais vulneráveis, com base nos dados do Censo Populacional da Mare³, realizado pela Redes. Mas logo a equipe à frente da iniciativa percebeu que o número de grupos familiares em situação de vulnerabilidade aumentaria

2. A estimativa foi feita pelo IBGE. Veja mais detalhes em <https://bit.ly/3qU000T>

3. Leia em <https://www.redesdamare.org.br/br/info/12/censo-mare>



FOTO: KAMILA CAMELO

Voluntários recebem alimentos para montagem das cestas básicas doadas

com a perda de renda provocada pela pandemia. Assim, decidiu-se abrir inscrições para todos os que desejassem se candidatar ao benefício. Para isso, foi divulgado um número de WhatsApp. Em 15 dias, a Redes recebeu mais de 70 mil mensagens, enviadas por 21.118 pessoas.

Diante da impossibilidade de atender a todos, a equipe social da Redes da Maré desenhou um questionário para orientar as entrevistas com os moradores interessados em receber a cesta. A partir das respostas, foi possível qualificar o perfil socioeconômico das famílias atendidas, o que permitiu identificar aquelas com carências mais graves em relação à segurança alimentar.

Um banco de dados

Organizar a distribuição das cestas a 17 mil famílias exigiu a construção de um sistema informatizado, capaz de registrar e classificar todas informações e dados produzidos. O banco de dados começou com a análise de listas de famílias em situação de vulnerabilidade social produzidas pela Redes da Maré e por instituições locais parceiras. Logo o número de WhatsApp criado especialmente para o atendimento se tornou o principal canal de recebimento dos cadastros. Os dados enviados eram registrados por uma equipe e digitados em uma planilha. Ao todo, o banco reuniu 25.574 cadastros. Destes, 18.671 – o equivalente a 73% – foram recebidos pelo WhatsApp. Essa ferramenta, entretanto, trouxe um novo desafio: identificar os casos em que havia vários cadastros para uma só família. Do total de inscrições registradas no banco, 5.957 (23%) foram anuladas por serem vinculadas ao mesmo domicílio.

Enquanto as inscrições chegavam, a equipe da Redes entrava em contato com as famílias para realização de entrevistas por telefone, conduzidas por uma equipe de assistentes sociais. Alcançar este grupo de famílias negligenciadas, as mais pobres das 16 favelas da Maré, durante a pandemia, foi um grande desafio. Muitas famílias não dispunham de telefone e haviam feito a inscrição através de aparelhos de outras pessoas. Ao longo da crise, moradores perderam a capacidade de arcar com a conta do celular ou de colocar créditos, aumentando ainda mais as nossas dificuldades para contatá-los. Por fim, vários locais dentro do conjunto de favelas da Maré não contam com um bom sinal de telefonia, dificultando ou impossibilitando ligações e mensagens. A taxa de sucesso nos contatos telefônicos era de apenas 50%.

Para remediar a dificuldade de alcançar as famílias, foi preciso realizar entrevistas presenciais e visitas domiciliares. Durante as entrevistas, seguimos todos os protocolos de prevenção ao novo Coronavírus, como recomendado pelos organismos internacionais de saúde. Desta forma, qualificamos os dados coletados, utilizando, também, as informações produzidas nessas entrevistas.

O sistema informatizado facilitou e agilizou de forma significativa diversos processos, como o cadastro de novos casos; o registro de entrevistas sociais; a vinculação de cadastros do mesmo domicílio/

família; a geração de listas; o registro e a atualização do número de entregas; a contagem do número de cestas distribuídas; a consolidação de resultados para a comunicação externa; a prestação de contas e o acesso das pessoas envolvidas na frente de distribuição de cestas e kits a todas as informações produzidas

Para atender a todas as atividades relacionadas a este trabalho, foram criadas diferentes equipes, envolvidas na realização das entrevistas, presenciais ou por telefone, visitas domiciliares, distribuição das cestas, atendimento e digitação.

Dar conta das demandas de distribuição da campanha e construir os processos de desenho e desenvolvimento do sistema, ao mesmo tempo em que as entregas estavam acontecendo, esteve entre os maiores desafios da campanha. De forma mais específica, o trabalho de identificação de cadastros repetidos e/ou do mesmo domicílio e a gestão dos diversos fluxos de informação referentes aos casos foram as atividades mais complexas.

As entrevistas sociais

A realização das entrevistas envolveu uma equipe composta pelos colaboradores da Redes da Maré, chamados de tecedores, além de outros profissionais contratados especificamente para essa função. Os encarregados da tarefa eram, na maioria, assistentes sociais, pedagogos e cientistas sociais com experiência em trabalhar com famílias residentes em favelas.

Cada entrevistador cumpria uma carga horária de 30 horas semanais, distribuídas entre três turnos e todos os dias da semana, inclusive sábados, domingos e feriados, buscando alcançar o maior número possível de beneficiários. No período de 24 de abril a 17 de setembro, foram realizadas 12.846 entrevistas sociais, sendo 10.558 (85%) remotas e 1.928 (15%) presenciais.



As entrevistas eram essenciais para a avaliação das famílias e a identificação das mais vulneráveis. Nestas entrevistas, os entrevistadores consideraram os seguintes itens:

- **Renda da família e número de pessoas na residência:** só foi considerada como renda fixa a renda oriunda do trabalho em regime CLT (carteira assinada sem redução salarial), de aposentadorias ou do Benefício de Prestação Continuada (BPC). O auxílio emergencial só era considerado como renda se a solicitação já tivesse sido aprovada.
- **Condições de moradia da família:** o pagamento de aluguel e a presença de crianças com menos de 6 anos de idade foram variáveis consideradas.
- **Condições de saúde dos membros da família:** o entrevistador registrava se algum membro da família tinha males crônicos, era acamado ou deficiente, e se a família precisava arcar regularmente com medicamentos, fraldas geriátricas, etc.

Atendimento às pessoas cadastradas: famílias selecionadas com base na renda, aluguel e presença de crianças e doentes crônicos

Com base nestas informações, a escolha dos inscritos que recebiam as cestas obedeceu aos seguintes parâmetros:

- **Famílias com renda per capita (média por pessoa) até R\$ 260,00:** o valor definido equivalia ao preço estimado de uma cesta básica e kit de higiene. A família com recursos inferiores ao necessário para uma cesta por pessoa recebia o benefício, sem necessidade de comprovar outras demandas.
- **Renda per capita (média por pessoa) até R\$ 520,00:** recebiam a cesta se houvesse idosos ou crianças em casa, considerando os custos com medicamentos, alimentação e outras demandas financeiras relacionadas aos dependentes, e se também pagassem aluguel.
- **Renda per capita (média por pessoa) acima de R\$ 520,00:** recebiam a cesta somente se pagassem aluguel, tivessem crianças ou idosos em casa e, ainda, um ou mais integrantes com problemas crônicos de saúde.

As entrevistas também averiguaram se nas famílias havia alguém suspeito de ter a Covid-19. Os possíveis casos eram encaminhados para a equipe responsável, que fazia o monitoramento dos contaminados, divulgação de boletins periódicos, e criação de orientações de saúde para moradores infectados com a Covid-19 e seus familiares. Nas entrevistas foram levantadas, ainda, demandas sobre acesso a benefícios e direitos sociais e jurídicos, não necessariamente relacionados à pandemia. As famílias que citavam essas solicitações eram encaminhadas à equipe do projeto *Maré de Direitos*, iniciativa dedicada à ampliação do acesso a direitos e à Justiça.

Cestas na carteira

Para 4.123 moradores, a doação de alimentos e produtos de higiene e limpeza foi substituída pela oferta de cartões, carregados com crédito equivalente ao dos produtos doados nas cestas. Esta ação de transferência de renda, feita em parceria com instituições financeiras, beneficiou sobretudo os moradores fora dos grupos de risco para contaminação pela Covid-19. Afinal, o uso do cartão em estabelecimentos comerciais exigia o trânsito por espaços públicos, o que, em alguma medida, ampliava vulnerabilidades do ponto de vista sanitário. Por outro lado, a ação de transferência de renda foi um meio de fortalecer o comércio local da Maré.

Outro grupo prioritário para receber os cartões foi o daqueles que tinham dificuldade de produzir a própria refeição. O cartão mostrou-se mais útil nesses casos do que a cesta, pela liberdade de pagar por refeições fora de casa ou de adquirir insumos que não exigiam preparo, ou de preparo menos complexo. Um perfil preferencial para este benefício foi o de mulheres responsáveis pelo domicílio e/ou mães solo que, mediante o uso do cartão, tiveram a oportunidade de exercer a autonomia financeira e adquirir itens, além de alimentos, que consideravam essenciais, tais como medicamentos, gás de cozinha e outros itens de primeira necessidade. Na verdade, essa autonomia foi uma das vantagens citadas pelos que receberam os cartões. Para muitos destes beneficiados, possuir e utilizar um cartão foi uma experiência inédita, que reforçou a autoestima.



FOTO: KAMILA CAMILLO

Parte das famílias assistidas recebeu cartões de crédito pré-pagos



Eliana Sousa Silva

DIRETORA DA
REDES DA MARÉ

Quando anunciaram a pandemia, em 13 de março, percebemos logo que muitas famílias não teriam acesso a alimentação. A população já vinha sofrendo com a crise. Com a pandemia, não seria mais possível pedir alimentos. Os restaurantes fecharam; muitas pessoas pararam de fazer doações; trabalhadores perderam o emprego. Tínhamos um plantão na Redes e logo começamos a receber pedidos de comida. Ao mesmo tempo, alguns parceiros começaram a entrar em contato, perguntando o que pretendíamos fazer. Havia uma sensação de emergência.

Decidimos olhar os dados do Censo Maré e perguntamos ao Dalcio Marinho, o estatístico, quantas famílias do bairro teriam dificuldades em termos de segurança alimentar. Com base nos dados sobre renda, ele calculou que seriam 6 mil famílias no conjunto das 16 favelas da Maré.

A campanha foi construída aos poucos, coletivamente. Além destas famílias identificadas, outras organizações da Maré produziram listas. Criamos um fórum para pensar com esses parceiros o que que poderia ser feito. Resolvemos criar um canal de WhatsApp para que as pessoas pudessem se inscrever para receber as cestas básicas — queríamos dimensionar qual seria a demanda espontânea. Foram 70 mil mensagens! Quase enlouquecemos, porque não tínhamos uma plataforma tecnológica. As mensagens eram lidas e encaminhadas uma a uma (hoje esse processo está bem mais rápido e automatizado). A campanha entregou cestas a mais de 17 mil famílias.

Percebemos que teríamos de criar outras frentes. As pessoas queriam saber que cuidados tomar, como lidar com os doentes. Muitos também não acreditavam na gravidade da pandemia. Falavam: “Como é que eu posso acreditar em um vírus que eu não vejo? O mosquito da dengue a gente vê”. Ficou claro que a comunicação seria muito importante na campanha.

Começamos a pensar em artes para estampar nos muros e para as redes sociais; a fazer vídeos, podcast... Todas as

semanas dávamos informações sobre a situação da Maré em um boletim. Nessa frente, pudemos contar com o apoio técnico da Fiocruz – nos primeiros dias da pandemia tivemos uma reunião com a presidente da Fundação, Nísia Trindade, para firmar essa parceria.

Uma questão levava à outra. A população de rua também se viu sem alimentos. Decidimos fornecer refeições para essas pessoas, preparadas pelas mulheres do bufê Maré de Sabores, outro projeto da Redes. Foi uma entre várias ações de geração de renda. Mais de 50 costureiras produziram máscaras para distribuição aos moradores da Maré. Motoristas levavam sacos com as máscaras cortadas para as costureiras e depois recolhiam as peças prontas – eram 20 mil máscaras por semana. Isso gerou renda para esses dois grupos. Fizemos também, com o Itaú Cultural e a organização People's Palace Projects, um edital que selecionou 31 artistas da Maré para receber uma bolsa e desenvolver um projeto na pandemia.

Para reunir todos esses recursos, montamos uma força-tarefa. Partimos dos que já eram parceiros, como o Instituto Unibanco e o Itaú Social. Também tivemos doadores individuais, pessoas que foram maravilhosas. Recebemos ainda muitos recursos de pessoas desconhecidas, pela internet. Foi muito bacana. E, quando a gente abriu o Centro de Artes, um outro recurso veio da comunidade: muitas pessoas chegaram para ajudar como voluntários.

Ao todo, tivemos quase 300 pessoas trabalhando na campanha em todas as frentes. Na saúde, o canal De Olho no Corona! recebia informações sobre pessoas doentes. Uma equipe ligava, pegava informações e via o que a pessoa estava precisando. Fomos construindo o Conexão Saúde, uma iniciativa de testagem na Maré, articulando com Fiocruz, SAS Brasil, Dados do Bem, União Rio, Conselho Comunitário de Manguinhos e Todos pela Saúde, uma ação do Banco Itaú. Conseguimos montar uma estrutura maravilhosa em um galpão da Redes, que testa quase 100 pessoas por dia!

O Conexão Saúde também inclui o projeto Isolamento Seguro, que ajuda as pessoas contaminadas pela Covid-19. As pessoas que testam positivo recebem alimentação e material de limpeza durante 15 dias, durante o período da quarentena, até serem liberadas com um novo teste. Também é feita a medição da saturação de oxigênio e há consultas por teleatendimento; se a pessoa piora, ajudamos a buscar atendimento no hospital.

Um grande desafio neste processo foi a falta de boas políticas públicas. Não tivemos ao lado a Secretaria de Desenvolvimento Social, a Prefeitura. É muito difícil, como organização da sociedade civil, reconhecermos as demandas — pessoas passando momentos muito difíceis, com doenças, fome, desemprego, crianças fora da escola — e não ver uma ação robusta do Estado. Isso, para mim, só confirma o quanto estamos longe de políticas públicas que respondam às demandas do que as pessoas realmente precisam.

Uma lição que tivemos é que esse trabalho de longo prazo que a gente vem desenvolvendo na Maré é fundamental para estruturar um processo urgente, em um momento da pandemia. Todas as coisas que fizemos foram facilitadas porque já tínhamos informação, já havíamos trabalhado com elas. Sem esse processo anterior, não seria possível. Isso mostra que é muito importante persistir, pensar estrategicamente. Não somos um projeto, temos uma estratégia, um comprometimento histórico com a região.

Fomos atravessados por temas que a pandemia trouxe e que são muito importantes para pensarmos uma estratégia estruturante. Costumamos privilegiar o enfoque da violência, mas precisamos focalizar também questões como segurança alimentar e renda.

Mas o maior aprendizado é o humano. Não tem como alguém ser o mesmo depois que entra em contato com esses problemas, se mobiliza para contribuir e vê outras pessoas acharem um caminho e se transformarem no processo. ■■■

A cesta foi uma ajuda maravilhosa. Veio em um momento muito difícil, a gente não tinha nada dentro de casa. O pai deles [dos filhos] foi embora em janeiro. Quem me cadastrou foi a enfermeira do posto de saúde. Eu estava grávida quando chegou a primeira cesta. Meu filho nasceu na pandemia.

Ter filho na pandemia foi muito complicado. Não podia receber visita. Minha mãe ia ao hospital mas não podia entrar, tinha de deixar as coisas lá embaixo. Eu ficava sozinha com as enfermeiras. O que elas podiam fazer, faziam, mas não podiam chegar muito perto, por causa da aglomeração, disso e daquilo. Foi horrível.

Só recebo ajuda da minha mãe e 269 reais do Bolsa Família. Eles comem bem, querem repetir o almoço, a janta. Como está muito apertado, eu fico controlando: "Não, calma, na janta vocês repetem". Com a cesta, eu deixei de comprar arroz, óleo, pra comprar carne, fralda, sabonete, essas coisas.

Fiquei com medo da pandemia. Eu tenho asma e minha filha tem bronquite. Tinha gente que falava que se a gente pegasse [o vírus] não ia aguentar, porque é muito forte. Nem pra casa da minha mãe a gente ia, pois ela é diabética. A gente ia ao mercado e voltava pra casa. No máximo ficava na rua ali em frente.

Se emprego já *tava* difícil, na pandemia piorou. Quero arrumar um trabalho, pagar minha irmã pra ficar com as crianças e esperar a escola voltar. ■■■



Mylleni Targino

23 ANOS
DONA DE CASA
VILA DO JOÃO



Veronica Silva

46 ANOS
DONA DE CASA
CONJUNTO
ESPERANÇA

Sempre vivi no Complexo da Maré. Nasci na Nova Holanda e com 11 anos vim para o Conjunto Esperança. Lá em casa ninguém tem emprego fixo. Eu sou do lar e quando aparece uma faxina, faço. Ou trabalho com uma amiga entregando mesas e cadeiras para festas. Meu marido, quando não tem obra, cata ferro, cata latinha, carrega entulho para a gente sobreviver. Somos seis em casa — eu, meu marido, dois netos e dois filhos, de 11 e 15 anos.

Durante a pandemia, fiquei meses sem fazer nada. Só meu marido arranjou alguns bicos. Foi bem apertado, mas a gente sempre acostumou as crianças: tem, tem. Não tem, a gente dá um jeito. Para eles, pelo menos, não falta. Eu tenho o Bolsa Família e recebi o auxílio emergencial, que ajudou bastante. E recebi três cestas durante a pandemia. Sempre chegaram em boa hora, quando não tinha uma coisa ou outra.

Muita gente que eu conheço recebeu a cesta. Teve gente que fez a inscrição e não recebeu. Mas é isso aí, tem pessoas mais necessitadas que outras. Eles deram prioridade para quem precisava mais: pessoas que têm muita criança em casa, que não têm trabalho fixo. Esse trabalho todo teve muito impacto na comunidade, muitos conseguiram trabalho através da Redes.

Eles vinham em casa para entregar. Pediam para assinar um recibo e para a gente higienizar tudo. Vinha bastante coisa: dez quilos de arroz, cinco de feijão, quatro garrafas de óleo... uma veio até com legumes. Se fosse no supermercado, do jeito que as coisas estão caras, ia gastar 200, 300 reais pra comprar essa cesta.

Também vieram umas oito vezes aqui trazendo máscaras, álcool. Isso fez muita diferença, pois a gente, quando vai ao supermercado, pensa no essencial e não lembra de comprar o álcool gel. A gente usava a máscara quando tinha de sair, ir ao mercado.

A pandemia não acabou. Vamos ver se a vacina chega para todo mundo, porque até todo mundo receber essas duas doses vai ficar difícil. ■■■

CADASTRO DA CAMPANHA É RETRATO DA INJUSTIÇA BRASILEIRA

FOTO: DOUGLAS LOPES

Uma análise do perfil predominante das pessoas que recorreram à campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** pode revelar o quanto a pandemia afeta, desproporcionalmente, uma parcela bem específica da população. Muito se falou sobre os efeitos sanitários e de saúde pública da pandemia nas favelas e periferias de todo o país, porém os dados coletados pela campanha na Maré nos permitem um olhar particularmente atento às implicações sociais da pandemia, isto é, quanto aos aspectos socioeconômicos, geracionais, raciais, de gênero, habitacionais e ocupacionais das pessoas que precisaram de assistência para sobreviver e sustentar outras pessoas durante a crise sanitária de 2020.

Se reuníssemos em um só personagem as características predominantes entre as pessoas que recorreram à campanha, teríamos o perfil de uma mulher negra, trabalhadora, mãe e chefe de família, com problemas de saúde e com renda familiar equivalente à classe D ou E. Não por acaso, este perfil corresponde ao da primeira vítima fatal da Covid-19 no Rio de Janeiro, anunciada em 19 de março de 2020: a empregada doméstica Cleonice Gonçalves. Em Cleonice, como nas mulheres da Maré, vários fatores de vulnerabilidade social se combinaram. Mais do que adversidades, as cleonices, marias, teresas e tantas mulheres das periferias carregam em seus corpos os efeitos da desigualdade. São prejudicadas por injustiças que nos acostumamos a naturalizar, mas que se tornam evidentes e inaceitáveis no contexto da pandemia.

Primeiramente, se estamos falando de uma campanha destinada a moradores da Maré, já sabemos que o perfil das famílias atendidas será marcado pelo denominador comum de “morador de favela”. Este marcador traz um recorte muito típico da injustiça social e urbana no Rio de Janeiro – e no Brasil como um todo. Trata-se de uma configuração histórica de segregação socioterritorial e de falta de acesso a direitos básicos bastante conhecida, que mantém a população pobre contida e afastada dos territórios, ditos nobres da cidade, que contam com infraestrutura urbana planejada e investimentos públicos muito superiores.

A complexidade social das favelas é, ainda, fortemente agravada pelo contexto de violência armada e pela política de segurança pública bélica e militarizada que afetam bairros favelados como a Maré. Em resposta a demandas da sociedade civil, o próprio Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a gravidade desta combinação de fatores numa conjuntura

de crise sanitária e determinou a suspensão de operações policiais em favelas do Rio de Janeiro durante o período de pandemia. Ainda que, na prática, esta suspensão não tenha sido inteiramente cumprida pelo governo do estado do Rio de Janeiro, é importante destacar este reconhecimento de que as favelas são constantemente submetidas a situações críticas de violência e letalidade, que se tornaram ainda mais intoleráveis neste período de extrema adversidade.

Desastres de ordem natural sempre afetam mais duramente localidades de favela. Em um quadro de pandemia global, não seria diferente. Muitos se mobilizaram em ações coletivas e solidárias nas zonas periféricas do Rio de Janeiro e do Brasil, demonstrando compreensão da urgência com que esse apoio era necessário. A campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** recebeu de doadores mais de R\$ 15 milhões e uma quantidade acima de 2 mil toneladas em alimentos e itens de limpeza e higiene pessoal. Uma mobilização que mostrou como as condições das favelas são reconhecidas como precárias e exigem ações imediatas e estruturais da sociedade e dos governos.

O Centro de Artes da Maré serviu de centro de logística e armazenamento das doações



FOTO: DOUGLAS LOPES

Dentre as 17.648 famílias da Maré que receberam as doações da campanha, 11.435 passaram por entrevista social⁴. Quase metade das famílias beneficiadas (46,8%) agregava quatro ou mais pessoas no mesmo domicílio, o que significa que o benefício alcançou 54 mil indivíduos moradores das 16 favelas da Maré. As mulheres foram apontadas como as responsáveis familiares na grande maioria (79,1%) dos domicílios, um dado que corresponde à desigualdade de gênero nos papéis de reprodução social. Aponta-se, ainda, para a natureza interseccional entre gênero e raça neste ponto, pois dentre essas mulheres atendidas, a vasta maioria (71%) eram negras, somando pretas e pardas. Considerando tanto homens quanto mulheres que recorreram à campanha, o total de negros também se mostrou predominante, perfazendo 68,7% das pessoas atendidas pela campanha.

Adicionalmente, as pessoas que recorreram à campanha são majoritariamente adultas, entre 20 e 49 anos (70,7%) e responsáveis pelos cuidados de membros vulneráveis da família: 41,6% dos domicílios assistidos tinham mais de uma criança de até 6 anos de idade e 19,1% contavam com algum morador idoso com mais de 60 anos – dados que revelam a vulnerabilidade desta população. Em termos de saúde, em 44,3% dos domicílios havia algum morador com demanda de saúde, estando entre as mais citadas doenças crônicas como diabetes, hipertensão ou problemas respiratórios, precisamente os tipos de comorbidades que caracterizam os grupos de risco da Covid-19. Um aspecto preocupante foi que durante as entrevistas foi registrada a suspeita de contágio por Covid-19, por parte de um ou mais moradores, em 10,9% dos domicílios.

Sobre a condição de renda familiar, o perfil de pobreza e insegurança econômica se tornou muito evidente. Os efeitos da crise e desemprego, que já antecediam a pandemia e se agravaram com as necessárias medidas de isolamento social, foram duramente captados pela coleta de dados da campanha. Mais da metade das pessoas assistidas (61,8%) informou que nenhum morador do seu domicílio estava trabalhando. A maioria vivia com renda *per capita* inferior a meio salário mínimo: aproximadamente 33% contavam com renda de até R\$261,25 *per capita* e outros 33% contavam com R\$522,50 *per capita*. Em níveis ainda mais graves, 12% se encontravam totalmente sem renda, em quadro extremo de pobreza e fome.

4. Ao todo, foram realizadas entrevistas com 12.486 famílias das 17.648 beneficiadas. Destas, 11.435 receberam as cestas – a diferença inclui os casos que não receberam avaliação positiva ou que não foram localizados para entrega.

É importante destacar, ainda, a relevância de políticas sociais de distribuição de renda nesta conjuntura. Quase 60% das famílias atendidas pela campanha recebiam algum benefício social de complementação de renda, sendo o auxílio emergencial o mais citado (84%). Dois apontamentos são relevantes diante desta constatação. Primeiramente, que a população favelada e pobre do Rio de Janeiro, sempre muito estigmatizada como beneficiária de programas sociais onerosos para os cofres públicos, efetivamente apresentou pouco acesso a mecanismos de transferência de renda. Do total de beneficiários da campanha, escolhidos pela sua extrema vulnerabilidade, 40% não recebiam qualquer auxílio. Dos 58% que receberam, a maioria (84%) contava com o auxílio emergencial. Sem a pandemia, uma parte destas famílias não teria qualquer suporte do poder público.

Em segundo lugar, este dado revela, também, a insuficiência do próprio auxílio emergencial disponibilizado pelo governo federal. As 4.292 famílias receptoras do auxílio que participaram da campanha se encontravam, ainda assim, em situação de extrema necessidade, sendo levadas a buscar doações de itens básicos, aos quais continuavam a não ter acesso. A insuficiência do auxílio emergencial se faz ainda mais problemática quando se considera que sua cobertura foi limitada, com parcelas significativas da população elegível para o benefício excluídas da assistência.

O caráter extremamente instável e provisório do auxílio emergencial, interrompido enquanto a pandemia seguia se intensificando, também é apontado como prejudicial às famílias beneficiadas. Se tantos beneficiários precisaram recorrer à campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**, é crucial questionar o quanto a seguridade social da população pobre e periférica do Rio de Janeiro depende de iniciativas privadas e comunitárias de organização solidária.

“

Do total de beneficiários da campanha, escolhidos pela sua extrema vulnerabilidade, **40% não recebiam qualquer auxílio**. Sem a pandemia, uma parte destas famílias não teria qualquer suporte do poder público”

Desigualdades na Maré

As desigualdades sociais que marcam o Rio de Janeiro também se apresentam dentro das favelas. Longe de serem territórios homogêneos, as favelas do Rio diferem bastante quanto à urbanização, disponibilidade de equipamentos sociais e serviços públicos e, também, quanto ao acesso a serviços prestados por organizações da sociedade civil, como ONGs, associações e movimentos comunitários como um todo.

Garantir uma distribuição equitativa é um desafio histórico, que requer ações do governo para se atingir áreas isoladas e afetadas pela falta de acesso a direitos básicos, marcadas pela presença contínua do aparato bélico e militarizado do Estado. Mesmo a sociedade civil e os movimentos de base encontram melhores condições para atuar – infraestrutura, redes de apoio, parcerias, recursos humanos e financeiros – em algumas localidades e mais dificuldades em outras.

Os dados do cadastro revelam a disparidade do alcance da campanha dentro do território da Maré, como reflexo dos limites estruturais da ação coletiva em áreas marcadas por omissões, negligências e violações estatais. Dentre as 16 favelas que formam a Maré, nosso alcance foi significativo para a população moradora das seguintes favelas: Nova Holanda (18,4%), Parque União (13,5%), Parque Maré (12,7%), Vila do Pinheiro (12,5%) e Baixa do Sapateiro (8,3%). Em escala menor, foram atendidas as favelas: Parque Rubens Vaz (7%), Vila do João (6,4%), Salsa e Merengue (5,9%), Nova Maré (4,0%), Morro do Timbau (2,5%), Conjunto Esperança (2,4%), Marcílio Dias (1,7%), Conjunto Pinheiros (1,6%), Conjunto Bento Ribeiro Dantas (1,5%), Roquete Pinto (0,9%) e Praia de Ramos (0,7%).

Ampliando a escuta

Por fim, a experiência da campanha junto à população da Maré permitiu a identificação de uma série de outras demandas para além do acesso imediato a itens básicos de alimentação e higiene, revelando novos aspectos do perfil da população mais afetada pela pandemia na Maré. As necessidades são variadas, mas no conjunto sinalizam o quanto a população

da Maré se ressentia da falta do acesso básico a informações, serviços, direitos e instituições públicas, disponíveis em outros bairros da cidade.

Ao longo do processo de distribuição das cestas básicas, percebemos a necessidade urgente de difusão de informações fundamentais sobre a Covid-19 para as famílias, seus sintomas, riscos, formas de transmissão e de enfrentamento. Em resposta a este déficit, estabelecemos um canal de comunicação destinado a tirar dúvidas da população e esclarecer como acessar serviços de saúde. Gradualmente, este trabalho de difusão de informação conseguiu identificar outros temas relacionados à saúde — da família, da mulher, reprodutiva, mental e autocuidado — que o público da Maré considerava importantes e sobre os quais tinha pouca ou nenhuma informação.

Também identificamos a escassez de informações básicas sobre acesso a direitos e à Justiça, incluindo dificuldades no cadastro para o recebimento do auxílio emergencial. Em resposta, a equipe do projeto *Maré de Direitos* passou a atuar através de atendimentos online, além de visitas domiciliares. Assim, a população da Maré passou a ter acesso a profissionais especializados, que auxiliaram em casos de judicialização, reivindicação de internação e leitos, registros de ocorrências e recursos administrativos para beneficiários do auxílio emergencial. Aos poucos estes canais de informação e atendimento também revelaram outros déficits estruturais: demandas por trabalho, cursos de formação profissional, regularização escolar, educação infantil, entre muitos outros.

Estas demandas, percebidas no desenvolver das ações de distribuição de cestas básicas, dizem muito sobre o perfil das pessoas que recorreram à campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** e são sintomáticas da negligência do Estado quanto à proteção social da população da Maré. Entendidas como condição estrutural, formam um quadro geral de crescente insegurança alimentar, fragilização da renda familiar, agravamento de violências contra mulheres, de continuado contexto de violações e abusos de poder, e de exclusão tecnológica. Como indicado anteriormente, este perfil identificado pela experiência da campanha não se refere a características inerentes às populações de favelas e periferias, nem mesmo se referem a adversidades inevitáveis. São, efetivamente, reflexo da negligência e da injustiça que condicionam a vida de uma parcela significativa da população do estado do Rio de Janeiro.



Ricardo Henriques

SUPERINTENDENTE
EXECUTIVO
DO INSTITUTO
UNIBANCO

O Instituto Unibanco é dedicado à Educação e, em particular, a parcerias com redes públicas de ensino e redes estaduais. Não tem no seu mandato uma agenda de apoio humanitário, assistência social, ou direitos humanos. No entanto, diante da dramaticidade gerada pela pandemia e da ausência do governo federal e dos governos estaduais, fizemos uma discussão estratégica sobre a importância de nos comprometermos com essa ajuda humanitária, dado que a nossa perspectiva é a garantia de direitos através da Educação. Isso se configurou numa linha de 50 milhões de reais para o ano de 2020 para essa agenda.

Apoiamos várias instituições no Rio e é óbvio que a Maré estava no topo da lista, dado o tamanho da população local e sua vulnerabilidade. Conheço a Redes da Maré desde a sua fundação, mas ela passou pelo crivo técnico que colocamos para as instituições parceiras. Sabíamos que a Redes tinha capacidade de penetração, reputação e um histórico de atuação de qualidade no território. Por isso, acreditamos que a Redes da Maré seria o melhor parceiro para viabilizar a chegada do apoio em um volume amplo, com rapidez e com consequência.

Desde o início, ficou claro que essa ação teria um prazo razoavelmente curto: era algo a ser feito enquanto se esperava a estruturação de políticas públicas governamentais para o território. Doamos mais de 12 mil cestas, sempre associadas a kits de higiene, para todas as 16 comunidades da Maré, por três meses. Também houve a inclusão de um kit de comida orgânica, com ovos, legumes, verduras e bananas. Pelo que me foi narrado, isso gerou uma conversa sobre a qualidade da alimentação. As pessoas passaram a não só querer banana; elas queriam a banana orgânica, deliciosa.

Além das cestas, conseguimos oferecer refeições para pessoas em situação de rua, associando a sua produção ao projeto *Maré de Sabores*. Usamos não só os ingredientes, mas também a mão de obra local.

Também realizamos uma ação de transferência de renda. Essa experiência, que funcionou muito bem, só foi feita na Maré. Foram distribuídos cartões que eram carregados com um saldo equivalente ao de uma cesta. A transferência dá mais liberdade, aumenta a autonomia das pessoas, gera empoderamento e produz vínculo. Apoiamos, ainda, o canal de WhatsApp, o *De olho no Corona!*, aberto para o envio de mensagens dos moradores. Isso também foi uma inovação.

O Instituto também ajudou a fazer a ponte entre a Redes da Maré, a Fiocruz e a UFRJ para que, juntas, elas buscassem a parceria do Todos pela Saúde.⁵ Como já conhecíamos muito o trabalho da Redes, pudemos facilitar a conversa com o Todos Pela Saúde. Essa articulação levou à implantação de um centro de testagem na Maré.

O Instituto Unibanco foi um apoiador importante na estruturação de um processo de monitoramento intenso e rigoroso: definir o que monitorar, como monitorar, quais são os indicadores. E que isso fosse transparente e se tornasse informação para todos os atores. E aí, passo seguinte, que também se produziu interpretação, análise disso, realimentando todos os parceiros.

Em síntese, penso que conseguimos, enquanto sociedade — e a Redes foi um ator muito importante nisso — demonstrar que o espaço público que incide sobre a transformação social não é estritamente governamental. Temos de entender esse espaço público como um campo de interação, constituído por esses governos, mas também pela sociedade civil organizada, pelos movimentos sociais, pela Academia, pelas universidades, pelo mundo fundacional. A experiência da Maré mostra que uma ação da sociedade civil local gera resultados bastante efetivos, mas, mais do que isso, produz uma rede que, uma vez instituída, aumenta a probabilidade de que esta efetividade seja mais ampla e duradoura. A Fiocruz não entraria na Maré com igual competência, com igual incidência e capacidade de transformação, se não existisse a Redes da Maré.

5. O Todos Pela Saúde é uma iniciativa que colabora no combate ao novo Coronavírus, liderada por especialistas do setor, mantida pelo Itaú Unibanco.

A articulação feita pela Redes da Maré aumenta de modo exponencial a capacidade de incidência transformadora, porque ela cria interlocução. A experiência produz conhecimento, demandas e inquietações além das originais. E isso retorna para os atores como um novo processo. Esse ir e vir acaba gerando resultados muito maiores do que eram esperados na largada. Empiricamente e concretamente, vimos que um espaço público pujante e ativo produz bens públicos numa intensidade alta, maior do que o que se pensou inicialmente. Isso é muito importante.

Sem o Estado presente, uma organização como a Redes faz muito do que o Estado devia estar fazendo. Mas, mesmo que o Estado lá estivesse, seria fundamental que a Redes da Maré fizesse o que fez, pois ela gera relações de complementaridade e ganhos de escala. Portanto, em um cenário otimista para o futuro, sob bons governos, será mais necessário ainda praticar esse modelo de atuação. ■■■

Na minha casa vivem oito pessoas – cinco crianças. Durante a pandemia, meu filho não estava trabalhando. E as coisas foram aumentando. Você ia ao supermercado e trazia quase nada. Muito difícil. Vivemos graças a Deus, ao auxílio [emergencial] e ao Bolsa Família. E eu não fico parada. Sempre arrumo alguma coisa para fazer e botar dinheiro dentro de casa: arrumo casa, lavo tapete, levo criança pra escola...

Desde o começo da pandemia não tem trabalho, a única coisa que eu faço é vender cerveja quando tem baile. Eu e meu filho recebemos o auxílio emergencial, foi um dinheiro bom. Hoje eu recebo o Bolsa Família, de 294 reais, e o aluguel social, que é 400 reais. E os preços não baixam.

A cesta básica ajudou muito. Vinha uma cesta boa, com muita coisa. Mas não durava nem duas semanas, porque meus filhos comem muito. Quando tinha escola, eles ficavam lá das 7h da manhã às 3h da tarde. Tomavam café, almoçavam e na saída ainda comiam uma fruta. Chegavam em casa, jantavam e iam dormir. Não ficavam o dia todo comendo.

Os meus quatro filhos que vão à escola não tiveram aula em 2020, nem pela internet. Se tivessem, não sei como iria fazer: não tenho como botar internet pra eles. Nem pelo celular, porque o meu está ruim. As crianças ficam brincando, sem fazer nada. É muito mais perigoso. Já tive de sair pra rua no meio de bala pra tirar meus filhos. Não é seguro. ■■■



**Vanessa
Lopes
Nunes**

38 ANOS
DONA DE CASA
MARCÍLIO DIAS



Hamana Geronimo da Silva

28 ANOS
MANICURE
NOVA MARÉ

Minha profissão é manicure, mas no momento estou desempregada, caçando um trabalho. Nestes meses de pandemia, eu consegui o auxílio emergencial, ganhei auxílio da Igreja. E a cesta da Redes. Foram muitas pessoas me ajudando. Caíram do céu, porque tenho três filhos. Tinha dia que a gente tinha o feijão, mas não tinha o arroz; tinha a carne, mas não tinha o arroz e o feijão.

Eu consegui a cesta através do projeto *Nenhum a Menos [da Redes da Maré]*, que funciona na Lona Cultural. Os meus filhos participam. A moça da Redes veio até a Lona Cultural, reuniu as mães e fez o cadastro para recebermos a cesta.

Era uma cesta completa: arroz, feijão, macarrão, sal, óleo, sabão, sabonete, pasta de dente, escova, máscara, álcool em gel. Se eu fosse comprar, não daria, pois o recurso que eu tenho é o Bolsa Família, 212 reais. O que isso faz? Nada. O meu aluguel é 500 reais.

Eu faço uma faxina, faço uma unha, mas está sendo muito difícil para mim. Está doendo muito, porque hoje você tem o café da manhã das crianças e amanhã já não tem. Então bate um desespero. Na escola eles tinham café, almoço e lanche da tarde. E era uma comida saudável. Aqui a gente só tem o arroz, o feijão e a carne. O legume já não tem.

As pessoas pra quem eu fazia faxina, unha, pararam, por causa do Coronavírus. Uma menina tinha combinado de eu olhar uma senhora, mas ela falou para esperar a gente ser vacinada.

A gente fez isolamento social. A gente só saía se fosse ali na rua comprar uma coisa. Brincadeira era dentro de casa, só os meus filhos. Deixava as crianças espalharem os brinquedos, tomarem banho de borracha. Tive muito medo de pegar [*a Covid-19*], mas o pessoal da Redes, os voluntários, estavam sempre aqui para orientar, dar uma máscara, álcool em gel. Meu filho ficou doente, cansado, sem se alimentar e levei para fazer um teste no Ritma [*centro de testagem para Covid-19 na Maré, do projeto Conexão Saúde – De olho na Covid*], na Redes da Maré.

Estou doida pra liberarem a vacina pra gente voltar à nossa vida normal. Eu sempre trabalhei, ficar parada não dá. Ainda mais que a gente é de baixa renda. Se não tiver uma ONG pra ajudar a gente, a gente não tem nada. ■■■

SABORES E CUIDADOS PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

A Redes da Maré trabalha há mais de cinco anos com pessoas em situação de rua na Maré e no seu entorno. Em 2018, a organização inaugurou um local para apoiar essa população especialmente vulnerável: o Espaço Normal, um lugar aberto ao público, dotado de chuveiro, banheiro, cozinha e máquina de lavar roupa. Além destes equipamentos, o lugar também conta com uma equipe de profissionais especializados em práticas de redução de danos para usuários de drogas e abriga projetos voltados à geração de renda, circulação pela cidade, formação profissional e acesso a direitos. Até o início da pandemia, o Espaço Normal atendia uma média de 60 pessoas por dia.

Com a situação de pandemia, o Espaço foi obrigado a interromper suas atividades. Para garantir a continuidade do acompanhamento desse público e a manutenção de vínculos e estratégias para a promoção do cuidado, surgiu o projeto *Sabores e Cuidados*. O projeto tem como foco a garantia da segurança alimentar e nutricional das populações em situação de rua e representou também uma oportunidade de geração de renda para as mulheres do projeto *Maré de Sabores*, desenvolvido pela Casa das Mulheres da Maré, mais um equipamento da Redes. A alimentação é uma das principais necessidades das pessoas que não têm domicílio.

De março a dezembro de 2020, o projeto ofereceu 65 mil refeições, utilizando 70 toneladas de alimentos. As refeições eram entregues para três grupos: pessoas domiciliadas, mas em situação de extrema vulnerabilidade, sem condições e/ou estrutura de produzir seu próprio alimento; indivíduos sem domicílio fixo, que se alternam entre as ruas, casas de amigos e abrigos e iam para a porta do Espaço Normal para pegar a alimentação; e usuários que vivem na cena de consumo de drogas, dentro da Maré e na Avenida Brasil.

A equipe de campo conta com três redutores de danos, que além da entrega das refeições acompanham as demandas apresentadas pela população atendida. Através dessa ação, demos continuidade ao contato com este público e monitoramos a saúde dos indivíduos, articulando, com outros parceiros, uma rede de proteção e cuidado. A pandemia representa uma ameaça preocupante para as pessoas em situação de rua. A precariedade nas condições de vida agrava seus problemas de saúde, entre eles a incidência de doenças pulmonares como tuberculose, ampliando os riscos em caso de contaminação pela Covid-19.

Durante o período da pandemia, a equipe do Espaço Normal realizou 51 acompanhamentos e 63 encaminhamentos para equipamentos públicos, sendo 26 para atendimento de saúde (oito para consultórios nas ruas e 18 para unidades básicas de saúde). Outros 12 casos foram referidos para atendimento em saúde mental, quatro para equipamentos da assistência (CREAS e Centro Pop) e oito para atendimento sociojurídico, através do projeto *Maré de Direitos*.

Outro problema social relevante dos moradores de rua é a falta de documentos, requisito necessário para acessar às políticas da assistência social, como o Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada e, no momento, o Auxílio Emergencial. No breve levantamento feito pela Redes da Maré com as pessoas atendidas na distribuição das refeições, das 49 que responderam ao questionário, 35 não tinham nenhum documento, ou seja, mais de 70%. Sem documentação, essas pessoas não podem ser assistidas pelas políticas públicas. Mais de um terço dos entrevistados, ou 19 pessoas, disseram não ser acompanhados por nenhum serviço de saúde.

*Cerca de 65 mil
quentinhas foram
doadas a pessoas
em situação de rua
na Maré*



FOTO: DOUGLAS LOPES



Mariana Aleixo

32 ANOS
COORDENADORA
DO PROJETO
MARÉ DE SABORES
E DA CASA
DAS MULHERES
DA MARÉ

Produzir as refeições foi a resposta para a questão de como a população em situação de rua atravessaria esse período da pandemia. A população de rua não tinha a alternativa de receber cestas básicas, pois não tem uma estrutura domiciliar, fogão, gás. Em março, as pessoas passaram a circular menos. Então essas pessoas, que vivem desse movimento, de conseguir trabalhos, conseguir dinheiro, ficaram sem recursos.

Em paralelo, a Redes começou a pensar na condição das mulheres que atuam no *Maré dos Sabores*, na Casa das Mulheres. O trabalho delas também depende do movimento de eventos, de pessoas circulando. Os eventos foram interrompidos. Então o *Maré de Sabores* se reorganizou para produzir refeições para a população em situação de rua e das cenas de consumo de drogas. O bufê já tem uma van, uma cozinha industrial, então conseguiria produzir 200 refeições por dia.

Esse número foi estabelecido a partir de pesquisas que a Redes já estava executando. Começamos em 28 de março, com 180 quentinhas; logo, passamos para 200; e em abril alcançamos 350 quentinhas, distribuídas diariamente, sete dias por semana. Depois de agosto, a demanda diminuiu, pois conseguimos encaminhar essa população para os equipamentos sociais públicos. Em setembro voltamos para 200 quentinhas por dia. Também fomos reduzindo gradativamente o número de dias de distribuição a cada semana, até pararmos em 31 de dezembro. Hoje estamos produzindo refeições para o projeto *Isolamento Seguro*, que oferece alimento para os que testaram positivo para Covid-19.

Foi assim que, de março a agosto, garantimos que um grupo de 18 mulheres tivesse uma fonte de renda. Começamos com seis para produzir as refeições, e depois passamos a ter voluntárias. Conforme elas iam participando, iam sendo incorporadas ao grupo de mulheres que recebiam pelo trabalho.

Ao definir o cardápio, tínhamos o desafio de pensar como contribuir para a saúde dessa população, fortalecendo a sua imunidade para resistir ao vírus, e também manter a qualidade do *Maré de Sabores*. O *Maré de Sabores* tem a característica de

pensar o cardápio a partir de uma realidade mareense, de ancestralidade nordestina. Buscamos manter esse estilo. Trabalhamos com ingredientes que, muitas vezes, recebíamos de parceiros. No início, as principais parceiras foram as escolas públicas, pois elas estavam com os mantimentos reservados para a merenda escolar nas cozinhas e sem previsão de abertura. Recebemos doações de arroz, feijão, proteína, carne, fígado, moela... Comida de verdade.

Ao todo, fizemos 65 mil refeições e usamos 70 toneladas de alimentos. A Casa das Mulheres foi o único equipamento da Redes que manteve as suas atividades durante todo esse período. Além da produção de refeições, também foi mantido o atendimento psico-sócio-jurídico presencial, seguindo protocolos de segurança.

Um grande desafio foi pensar protocolos de segurança no trabalho. Passamos a ocupar a recepção da Casa das Mulheres com uma linha de produção: mesas para o arroz, o feijão, a proteína, o legume. A quentinha ia passando por essas mesas, como em uma linha de montagem, para tentar mitigar o contato entre as pessoas. A quentinha era fechada e armazenada em isopor para manter a temperatura. O isopor era levado de van para o local de entrega e as quentinhas eram entregues ao público.

A montagem mobilizou muitos voluntários. A Casa das Mulheres fica perto da Igreja Nossa Senhora da Paz. A Igreja se aproximou mais da Casa e isso fez com que a gente mobilizasse outras instituições religiosas da Maré, que trouxeram voluntárias. Então, tínhamos um grande fluxo de pessoas envolvidas nessa etapa. Em todo o período, 93 pessoas participaram na produção das refeições, na montagem das quentinhas e na distribuição.

Houve episódios importantes. As mulheres cozinheiras deram depoimentos sobre a importância de cozinhar para a população de rua e como elas passaram a enxergar essa população a partir de outra perspectiva: a do cuidado, do acolhimento. Conseguiram perceber como é importante que essa população esteja bem de saúde para que toda a favela também esteja bem de saúde.

O grande aprendizado foi que o *Maré de Sabores*, além de ter esse perfil de formação, com esse recorte de gênero, pode ser uma experiência para pensar segurança alimentar na favela. Acho que essa vai ser uma das próximas frentes do projeto. O acesso à alimentação também é um direito da população. Como manter parceiros que invistam para garantir refeições para a população em situação de rua? Como esse projeto pode ser um meio de acompanhar a saúde dessa população? Essas perguntas ficaram na gente e acho que vão reorganizar o projeto daqui para a frente". ■■■

ACESSO A DIREITOS, CUIDADOS E PREVENÇÃO EM SAÚDE

FOTO: DOUGLAS LOPES

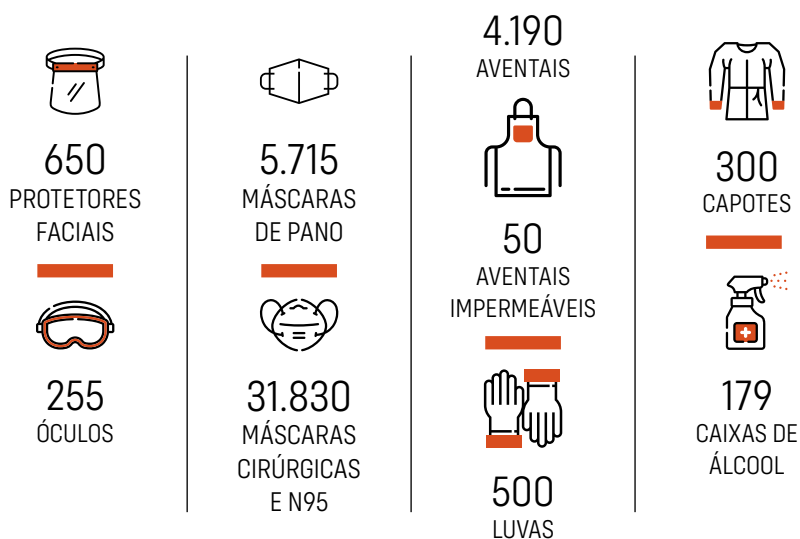


A criação de uma unidade de testagem da Covid-19 no Complexo da Maré foi uma grande vitória do projeto *Conexão Saúde*. Mas a campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** também acumulou outras realizações: limpeza e desinfecção das ruas, apoio aos profissionais da rede pública, criação de canais de comunicação específicos e atendimento social, jurídico e psicológico ao público.

Doação de EPIs para as Unidades de Saúde localizadas na Maré

Em um território de favela, a ausência de investimentos do Estado é tão flagrante que obriga a comunidade a suprir recursos que deveriam ser providos pelos governos. Foi assim que a doação de equipamentos de proteção individual para unidades de atenção básica foi a primeira grande ação de promoção da saúde e contenção da pandemia realizada pela campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**. Sete unidades de atenção básica, uma UPA da Maré, três centros de atenção psicossocial (CAPS Magal, Miriam Makeba e Visconde de Sabugosa), o Consultório de Rua e a Unidade de acolhimento de adultos receberam doações da campanha.

Durante o ano de 2020, foram doados:



Todas essas doações foram de extrema importância para a segurança dos profissionais de saúde e para o atendimento adequado à população, principalmente no início da pandemia, quando faltaram equipamentos de proteção individual. Além das doações, a publicização e sistematização das condições do atendimento em saúde na Maré foram estratégias utilizadas para convocar o poder público a se responsabilizar pelo cuidado com profissionais e moradores.

Desinfecção de ruas e entrega de álcool em gel e máscaras à população

Uma parceria da campanha com as associações de moradores da Maré e a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) permitiu a higienização e desinfecção de todos os logradouros da Maré. Por um período de 20 dias, entre junho e julho de 2020, uma brigada de garis, ao lado de 71 moradores das 16 favelas da Maré, percorreram cada favela, varrendo e higienizando quase 900 ruas, vielas e becos.

Além de alimentos, a campanha também distribuiu álcool e máscaras aos moradores



FOTO: KAMILA CAMILLO

Além de diminuir a possibilidade de contaminação da população da Maré, o trabalho contribuiu para a geração de renda de moradores desempregados no auge da pandemia. Foi possível, ainda, através da parceria com a Comlurb, realizar treinamento e capacitação da equipe, de forma a garantir a operação com segurança da máquina com cloreto de benzalcônico, altamente tóxico. Noções como segurança do trabalho, cuidados com a saúde e outros quesitos fizeram parte dessa formação básica. Além da Comlurb, esta ação foi acompanhada pelas 16 associações de moradores, que tiveram como função supervisionar o andamento do trabalho.

O momento da higienização das ruas foi integrado a outra ação de prevenção: a distribuição de máscaras e álcool em gel nos domicílios. A distribuição, de porta a porta, contou com o suporte de 32 organizações e coletivos locais. Nos meses da campanha, o trabalho continuou, atingindo os 47 mil domicílios que abrangem as 16 favelas da Maré.

Atendimento ao público: Maré de Direitos e De olho no Corona!

Com a pandemia do novo Coronavírus, a partir de abril de 2020, os plantões de atendimento do *Maré de Direitos*, um dos projetos do eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes, passaram a ser realizados de forma remota. Inicialmente, o contato era feito por meio de um número comum de WhatsApp – o mesmo utilizado para o cadastro de moradores interessados nas cestas básicas. Logo esse sistema se tornou inviável. Em 15 dias, o número recebeu mais de 70 mil mensagens. Uma equipe de quatro pessoas se revezava, das 7h da manhã à 1h da madrugada, para responder uma a uma. Mesmo assim, mensagens se acumularam e os moradores demoravam a receber respostas.

Em 2020, o projeto *Maré de Direitos* realizou 1.789 atendimentos sociojurídicos e psicológicos. Prevaleram as demandas que associavam as questões jurídicas às sociais. Neste trabalho, confirmamos

a importância de que ao menos o primeiro atendimento a este público seja interdisciplinar, compartilhado por profissionais do Serviço Social e Direito. Assim, as demandas são compreendidas na sua complexidade e as possibilidades de encaminhamentos são consideradas de forma intersetorial.

Durante a pandemia, trabalhadores da Redes da Maré, assistentes sociais, advogadas, psicólogas e redutores de danos também passaram a atuar no acolhimento e acompanhamento dos casos de moradores contaminados pelo Covid-19. As informações chegavam através de múltiplas fontes: na entrega das cestas, nas entrevistas sociais, através de parceiros no território e de outras instituições.

Até julho de 2020, foram atendidas 1.353 pessoas com suspeita de contaminação pelo novo coronavírus. Esse levantamento mostrou que quase 70% das pessoas atendidas não obtiveram acesso a testes e seguiam invisíveis para os órgãos de saúde, com o agravante de que desconheciam o diagnóstico do que as acometia. O monitoramento e acompanhamento das pessoas com Covid-19 e dos familiares dos mortos pela doença permitiu qualificar e produzir informações confiáveis, que serviriam de base para produção do boletim semanal *De Olho no Corona!* (veja mais sobre este projeto a seguir).

Um novo canal de comunicação

A necessidade de melhorar a comunicação com os moradores levou a Redes a estabelecer uma parceria com a Infobip, empresa especializada em comunicação por mensagens. Com essa parceria, a Redes pôde lançar uma nova plataforma de atendimento remoto para os moradores

Em agosto, a Redes da Maré passou a usar esta nova ferramenta, que permite que profissionais fiquem online simultaneamente. Atualmente, 12 profissionais atuam simultaneamente no atendimento às mensagens que chegam ao número da Redes da Maré. O resultado é que as respostas passaram a chegar muito mais rápido. E olha que as solicitações recebidas são cada vez mais variadas:

- Demandas relacionadas à campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**, com ênfase na distribuição de cestas básicas;
- Acolhimento e orientações sociojurídicas e psicossociais;
- Acolhimento de casos de Covid-19;
- Dúvidas sobre o funcionamento da Redes da Maré;
- Demandas relacionadas a doações e voluntariado;
- Informações à imprensa e outras questões ligadas à comunicação.

Com a implementação da plataforma, os atendimentos se multiplicaram. Entre abril e julho de 2020, a equipe acolheu de maneira remota 1.601 pessoas. Já no período de agosto a dezembro de 2020, através da plataforma automatizada, foram atendidas 3.166 pessoas.

Conexão Saúde: de olho na Covid!

Como decorrência do trabalho de colher informações sobre os moradores que estavam com suspeita ou contaminados pelo novo Coronavírus, a Redes da Maré buscou apoio junto às instituições de saúde para viabilizar uma ação específica para o território da Maré. Dessa busca nasceu o projeto *Conexão Saúde – De Olho na Covid!*, uma parceria entre a Redes da Maré, a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), SAS Brasil, Dados do Bem, União Rio, Conselho Comunitário de Mangueiros e Todos pela Saúde, unidos para uma atuação conjunta nas favelas da Maré e de Mangueiros.

O projeto se propõe a executar uma série de ações a partir dos principais problemas identificados nesses territórios. A plataforma de acesso à telemedicina do SAS Brasil, o aplicativo e a testagem do Dados do Bem e o programa de isolamento domiciliar da Redes da Maré, em parceria com o SAS, formam o tripé de serviços gratuitos da iniciativa.

Pelo sistema, o usuário precisa baixar o aplicativo da plataforma Dados do Bem no celular e responder a um questionário. De acordo com as respostas, a pessoa pode ser chamada para fazer um teste gratuito em um posto. Até o dia 17 de dezembro de 2020, o *Conexão Saúde* realizou 6.714 testes, dentre os quais 1.220 foram positivos, representando 18% de confirmações de Covid-19 entre os casos analisados.



Também foram realizados 1.828 atendimentos médicos e 1.046 atendimentos psicológicos. No lançamento online, em 19 de agosto, a pesquisadora Margareth Dalcomo, da Fiocruz, destacou o papel das lideranças comunitárias na execução de projetos de saúde. “As lideranças comunitárias são fundamentais para que nós consigamos ter acesso a essas comunidades. Elas são legítimas representantes não só dessas pessoas, mas como dos problemas que são prevalentes nessas comunidades”.⁶

Os casos positivos passaram a ser beneficiados pelo programa de isolamento domiciliar seguro, uma iniciativa de apoio aos contaminados pelo novo Coronavírus. Os portadores da Covid-19 identificados passam pelo atendimento da equipe social da Redes da Maré, que aplica um questionário para identificar as necessidades e dificuldades da família em adotar o isolamento domiciliar adequado. A partir desta avaliação, o morador pode contar com ações de apoio, como a entrega de kit de higiene e proteção individual, kit de produtos de limpeza, refeições prontas para consumo e até aluguel de domicílio, em caso de impossibilidade de isolamento no próprio lar. Os participantes também passam a receber atendimento médico e psicológico a distância pela equipe do SAS Brasil.

Articuladores do projeto Conexão Saúde entregam material de divulgação na Clínica da Família Diniz Batista

6. O lançamento teve cobertura da Maré de Notícias, da Redes da Maré. Acesse em <https://bit.ly/3qVs6h3>

Caso necessário, o paciente é acompanhado presencialmente por uma equipe de técnicas de enfermagem, que mede temperatura, pressão e saturação (presença de oxigênio no sangue). O atendimento também inclui nebulização e oferta de medicamentos para o tratamento em domicílio. Do início de setembro até o dia 23 de novembro, 155 pessoas foram incluídas no programa de isolamento domiciliar seguro, sendo que, em muitos casos, mais de uma pessoa da mesma família testou positivo para Covid-19.

Além de oferecer este suporte, os moradores recebem um guia de isolamento domiciliar, com orientações produzidas pela FIOCRUZ sobre como evitar o contágio intrafamiliar. Articuladores territoriais fazem todos os dias as entregas de insumos nos domicílios e, quando necessário, orientam os familiares e colhem informações sobre a situação da família. A equipe social mantém contato frequente com as pessoas inseridas no projeto até o momento da alta médica. Após a recuperação do paciente e seu diagnóstico de cura pelos profissionais do SAS Brasil, a Redes retoma o contato para uma nova avaliação.

Nesta frente, um grande desafio é o desconhecimento sobre a Covid-19, doença proveniente de um vírus novo. Assim como os cientistas e médicos, tivemos de estar atentos às informações que foram sendo publicadas por meios científicos, criando a cada momento novas ações para potencializar o combate ao vírus na Maré. A falta de informação por parte da população e a proliferação de notícias falsas sobre a doença, as chamadas *fake news*, foram outros grandes desafios desta experiência.

Seguir o isolamento domiciliar é especialmente difícil para moradores de favelas, por questões econômicas ou mesmo estruturais, como falta de ventilação e/ou saneamento básico. Desse modo, tivemos que ser criativos e propor formas de diminuir os riscos de contágio, compreendendo a dificuldade da população e, ao mesmo tempo, chamando atenção do poder público sobre a necessidade de políticas públicas específicas e prioritárias para regiões de favelas e periferias, assim como de outras comunidades com alto risco de contágio.

Sou dona de casa, e, para complementar a renda, tomo conta do meu neto, ganhando o valor de 200 reais. A pandemia foi difícil. A mãe do meu neto teve de ficar em casa. Lá em casa são três pessoas, mas nenhuma delas trabalha. A minha filha ainda não conseguiu trabalho nenhum, não tem carteira assinada. Meu esposo também, porque ele também tem a mesma idade que eu, e nessa idade é difícil conseguir trabalho. Então, se não fosse a Redes da Maré e a igreja que eu frequento ajudarem, a gente teria passado necessidade.

A cesta da Redes tinha bastante coisa: dez quilos de arroz, dez de açúcar, feijão. Até leite Ninho vinha. Produtos de limpeza. Para mim foi ótimo, foi muito bom. De onde eu ia tirar dinheiro pra comprar uma cesta igual àquela? Não ia ter. Também vieram entregar em casa máscaras, álcool em gel.

Graças a Deus não pegamos [a Covid-19]. Peço a Deus que eu não chegue a pegar nada disso, porque aqui o atendimento médico é muito ruim mesmo. Na área da gente não tem médico. E o médico que é da área tal não pode atender a gente, entendeu? Mas o resto está tudo bom. ■■■



Carmem Dea da Silva

64 ANOS
DONA DE CASA
NOVA HOLANDA



Janeide Gonçalves de Melo

42 ANOS
DONA DE CASA
NOVA MARÉ


Essa doença levou meu irmão. Ele chegou a ir para o Souza Aguiar, ficou a sexta-feira, deram alta no sábado, dizendo que ele estava com pneumonia. Quando foi segunda de madrugada, veio a falta de ar de novo. Em dez minutos chegaram ao [Hospital] Evandro Freire, na Ilha do Governador. Disseram que ele teria de ser intubado. Ele pediu pra tirar uma foto antes. Foi a última foto dele. Foi muito rápido. Todo mundo ficou sem chão. É muito triste. A gente nunca acha que vai acontecer com a gente, mas chegou.

No momento, estou desempregada. Eu faço faxina, mas com essa pandemia ninguém está chamando. Eu ia de 15 em 15 dias para uma moça, mas ela está em isolamento, o teste acusou [Covid-19]. Tinha um rapaz para quem eu ia toda quinta, mas agora ele quer quinzenal. Meu esposo está há dois anos desempregado: é um bico aqui, outro ali. A mãe dele ajuda. A minha também ajudava, mas ela faleceu há um ano.

Eu consegui o auxílio emergencial e também o cartão da Redes da Maré, que me ajudou muito. Eu vi umas moças e um carro com as cestas, fazendo o cadastro. Eu me inscrevi, mas esperei três meses e não recebi. Então eu fui até a Redes, expliquei, levei os documentos e me inscrevi para fazer o cartão. Uma moça ligou, fez umas perguntas, voltei lá pra fazer um cadastro e já saí com o cartão. Recebi por três meses – na data certa, ele já carregava, com um valor de 215 reais.

Comprava leite, biscoito, arroz, feijão, mistura para a casa, um biscoito, que criança sempre gosta... O cartão da escola também ajudou um pouco. Era um valor de 100 reais, foi pra 50 e agora não está carregando mais. A gente está vivendo assim, só Deus na causa.

A pandemia não acabou e as coisas estão cada dia piores. O desemprego, a falta de alimento na mesa, as crianças em casa. A escola ajudava, lá eles tomavam café da manhã, almoçavam, comiam maçã, Danone. E eles precisam estudar. Não está legal esses adolescentes fora da escola. Estão sem ter o que fazer: acordam tarde, querem dormir tarde, fica essa agonia, todo mundo dentro de casa. A gente não deixa ir muito na rua. Eu já perdi um ente querido e sei que é perigoso. ■■■



PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES E CONTEÚDOS

FOTO: KAMILA CAMILLO

Desde o início da pandemia, o setor de comunicação da Redes da Maré procurou parcerias para garantir a difusão de informações seguras e confiáveis que pudessem auxiliar a população a se proteger e a diminuir a propagação do vírus. Cada produto buscou atingir um público específico, o que resultou em uma diversidade de materiais e formatos, acessível através dos diferentes dispositivos e plataformas de comunicação. A seguir, contamos um pouco sobre cada um desses produtos.



OUÇA AQUI: <https://bit.ly/3uSebtL>



Podcast Maré em tempos de Coronavírus

Criado em plena pandemia para levar aos moradores da Maré informações de interesse sobre saúde e outros temas, o *podcast* é um produto em áudio, veiculado em plataformas específicas como o Spotify. Lançado em 14 de maio de 2020, o *podcast* foi semanal até julho, quando se tornou quinzenal. Nos 20 episódios produzidos durante a campanha, mais de 30 pessoas foram entrevistadas. Participaram das entrevistas especialistas, moradores, tecedores e parceiros da Redes da Maré. As pautas são identificadas de acordo com demandas enviadas pelos próprios moradores e pelas pesquisas realizadas pela equipe do canal de comunicação da Redes, *De Olho no Corona!* O programa continua a ganhar novas edições, sempre com locução da diretora da Redes da Maré, Eliana Sousa Silva.



LEIA AQUI: <https://bit.ly/3spGy00>

Por dentro da Maré

A série reúne textos e vídeos jornalísticos sobre temas da Maré, que ganharam destaque em razão da pandemia, difundidos no site e nas redes sociais. As narrativas procuram contextualizar as questões atuais dentro da trajetória de desenvolvimento da Maré. Entre outros assuntos, a série já abordou a religião, o comércio, os idosos, a maternidade, as crianças e os adolescentes, o uso da internet, a educação e o saneamento básico.

Maré de Notícias

Diante da pandemia do novo Coronavírus e o decreto de isolamento social no estado do Rio de Janeiro, o jornal e o site de jornalismo comunitário da Redes da Maré se dedicaram a informar os 140 mil moradores da Maré sobre os impactos da doença. Com um diferencial importante em relação à grande mídia: as temáticas abordadas no campo da educação, trabalho, saúde e comportamento trouxeram sempre a perspectiva dos moradores de favela, em especial os da Maré.

Uma ronda diária traz os números da doença, como mortes e casos suspeitos e confirmados. Há também reportagens sobre prevenção e cuidados, sempre com a colaboração da Fiocruz na checagem das informações. Nos primeiros 60 dias da pandemia, essas matérias foram fundamentais para informar a população sobre como conter a propagação do vírus, contemplando as especificidades dos moradores de periferia. Dia após dia, o *Maré de Notícias* mostrou a realidade do morador da Maré, com suas demandas, queixas, preocupações e soluções para amenizar a pandemia, tanto em vídeos como em textos. O boletim diário também pautou os veículos de imprensa: jornais impressos e televisivos, locais e nacionais, fizeram reportagens sobre as ações de mobilização e solidariedade no território.

Campanha Se Liga no Corona!

“Nada de dividir copo, prato e talher”. “No churrasco, só vindo de máscara.” “Sua casa é 1 por 1? Faz a ceia do lado de fora”. Essas e outras dicas fizeram parte da *Se Liga no Corona!*, uma campanha para divulgar informações seguras sobre a pandemia do novo coronavírus de forma criativa, tendo como público-alvo principal os moradores de favelas e periferias. A iniciativa foi realizada em conjunto com a



LEIA AQUI:

<https://mareonline.com.br/>





OUÇA OS ÁUDIOS DA CAMPANHA AQUI:
<https://bit.ly/3adEQtn>



7. Leia mais sobre o lançamento em
<https://bit.ly/2ZTAmlO>



LEIA AQUI: <https://bit.ly/20TzLlk>

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e comunicadores das favelas da Maré e Manguinhos, e resultou em uma série de produtos de comunicação: *cards* para redes sociais, cartazes, spots para carros de som, vídeos e até radionovelas.

Lançada em abril de 2020, a campanha buscou orientar a população sobre como se proteger do novo Coronavírus. A partir das experiências vivenciadas nesses territórios, os conteúdos falavam dos desafios do isolamento social e recomendavam medidas de prevenção de contaminação. Os materiais foram divulgados nas redes sociais e distribuídos nas ruas, em pontos comerciais e em organizações comunitárias da Maré e de Manguinhos, além de serem disponibilizados online para reprodução em outros espaços periféricos no Brasil. “Até o momento as orientações de prevenção têm se dirigido ao público de classe média: medidas de isolamento em quartos individuais, evitar aglomerações, álcool em gel e outros exemplos. Mas nós sabemos que não é essa realidade da maioria da população”, comentou Nísia Trindade Lima, presidente da Fiocruz, no lançamento.⁷

Boletim “De Olho no Corona!”

Desde o início da pandemia, os meios de comunicação apontaram a subnotificação dos casos de Covid-19, em razão da ausência de uma política de testagem da população. Uma situação ainda mais grave em regiões de favelas e periferias, onde os moradores têm menos recursos para fazer testes em serviços privados. Além disso, desde o início a Redes da Maré sabia que o impacto da pandemia seria diferente em cada região da cidade, por conta das desigualdades estruturais. Para qualificar as informações sobre a Maré e dar visibilidade ao impacto da pandemia, a Redes da Maré lançou o boletim *De Olho no Corona!*.

Em abril de 2020, a organização iniciou um levantamento de casos de Covid-19 entre os moradores da Maré, buscando

construir uma análise sobre a real situação de contaminação no território. O boletim *De Olho no Corona!* sistematizou o monitoramento do total de pessoas contaminadas na Maré, reunindo os dados divulgados pelo Painel Rio Covid-19 e os casos sem notificação identificados e analisados pela equipe da Redes da Maré. O produto uniu as informações oficiais com os dados produzidos pelo território, apontando as falhas nas estatísticas governamentais, qualificando o debate público e produzindo subsídios para o aprimoramento das políticas de combate à pandemia por meio do reconhecimento das necessidades específicas dos territórios de favela.

De março a dezembro de 2020, foram publicadas 25 edições do boletim. Além de atualizar semanalmente os números de Covid-19 na Maré, o *De Olho no Corona!* trouxe análises sobre acesso a testagem, internação, subnotificação, agravamento da desigualdade social, crise na educação, saúde mental abalada, falta de saneamento básico, entre outros temas. Em outubro, a publicação se tornou quinzenal e passou a se concentrar nos dados e análises sobre as dinâmicas observadas na Maré a partir da implementação do projeto *Conexão Saúde*.

Esse tipo de publicação, baseada no levantamento independente de dados, diálogos com especialistas e relatos de moradores, ilustra a capacidade de organizações de favela de produzirem leituras qualificadas sobre as vivências e as necessidades dos moradores, assim como análises sobre os fenômenos sociais que as políticas públicas precisam atender.

Ao longo das publicações semanais, o boletim virou fonte de dados primários para a imprensa e outros segmentos de pesquisa. Cerca de 300 reportagens e artigos na mídia estrangeira, nacional, regional e comunitária utilizaram os dados e citaram o boletim *De Olho no Corona!* como fonte.

“

Esse tipo de publicação ilustra a capacidade de organizações de favela de produzirem leituras qualificadas sobre as vivências e as necessidades dos moradores, assim como análises sobre os fenômenos sociais que as políticas públicas precisam atender”



Angela Dannemann

SUPERINTENDENTE
DA FUNDAÇÃO ITAÚ
CULTURAL

Quando a pandemia começou, a primeira preocupação que surgiu, tanto na Fundação Itaú para Educação e Cultura, quanto no Itaú Social, foi que isso iria causar uma grande crise de alimentação, de cuidado, e depois, consequentemente, de violência. Já em março [de 2020], acionamos a nossa rede de parceiros, organizações da sociedade civil com as quais temos um vínculo de confiança e de construção mútua. Sabendo que cada comunidade teria necessidades específicas, mas sempre relacionadas à segurança nutricional e à segurança sanitária, combinamos de repassar um valor que a organização decidiria como utilizar.

A gente sabia do potencial da Redes da Maré, por estar num lugar muito grande, muito diverso e pela liderança que tem. Eliana [Sousa, coordenadora da Redes] nem esperou assinatura de recibo, de contrato, de coisa nenhuma. A gente amarrou o bigode e fomos em frente. Essa confiança é uma coisa muito rara hoje.

Foi uma grande trajetória nossa, dentro da própria fundação, construir a rede da qual a Redes da Maré faz parte. É uma iniciativa que trabalha com o conceito de investimento estratégico. Isso significa que eu não quero que a Maré me dê um projeto especificando todos os detalhes do que ela quer fazer. É eu saber que o que a Maré faz, faz bem feito. Não é dizer: “eu só quero que você cuide da população de rua” ou “eu só quero o pré-vestibular”. A Redes da Maré nasceu do pré-vestibular, mas virou outra coisa. Por quê? Porque tinha as antenas ligadas na comunidade para ver de que maneira essa comunidade poderia melhorar. Isso se chama sustentabilidade.

Então, coube a mim convencer a minha governança, anos atrás, a fazer um programa de desenvolvimento institucional. Isso significa correr mais risco, sim. Significa dar um dinheiro flexível, quem vai dizer o que fazer com ele é a organização. Eu dei um valor [para a campanha] e as lideranças da Redes da Maré decidiram o que fazer com ele para melhor impactar a comunidade.

Isso permite também movimentar a economia daquele local. Não é eu fazer uma licitação centralizada. Se eu disponibilizo o recurso e você vai escolher onde investir e onde comprar, você gera recursos na ponta; isso movimenta o mercado, gera emprego, diminui a pobreza e assim por diante. Mas demanda flexibilidade da parte de quem está disponibilizando o dinheiro e confiança dos dois.

Temos pensado muito, nesse momento de pandemia, sobre como o poder público tem lidado com essa situação. Vivemos uma situação praticamente sem governo. Qual o papel das organizações? Qual o papel dos financiadores dessas organizações? Qual a importância do financiamento de projetos como esse, que alcançam a população de uma forma em que o governo não está interessado no momento? Mesmo que estivesse, teria muito a aprender com as organizações. O principal aprendizado é comprovar que, se você constrói coletivamente e com confiança, consegue chegar lá.

Governos foram criados para representar a coletividade e fazer o que essa coletividade indica necessitar. Isso foi perdido completamente, no mundo inteiro, com raras e honrosas exceções — a maior desses tempos é a primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern. Outra é a alemã Angela Merkel. O governo brasileiro esqueceu que precisa saber o que é a sua população e as necessidades dela. Saúde e educação são cruciais, custam muito caro e só orçamento de governo dá conta disso. Não é o orçamento da Fundação Itaú Social, que é público e é de 160 milhões, que dará conta de atender, por exemplo, a comunidade da Maré, com 148 mil habitantes. O que resolve é o imposto que é recolhido de todos nós, investido com seriedade, priorizando as necessidades.

Como superintendente de uma organização que doou o dinheiro para outra organização tratar das questões de segurança alimentar e sanitária, achei a campanha impecável. Toda semana, eu recebia boletins, *podcasts*, materiais digitais que me informavam com muita precisão o que estava acontecendo, além de fotografias e filmes. Eu sou uma pessoa que saiu das

organizações sociais, então sei que nelas há uma dificuldade enorme de reconhecer que, para atingir o ouvido do cidadão do banco ou da empresa, é preciso pensar o que ele quer. E o que ele quer? Quer uma prestação de contas transparente, quer que você mostre que o que está fazendo está chegando onde precisa. Foi o que a comunicação fez para essa campanha: trouxe dados, trouxe números, trouxe imagens, contou as experiências, botou as pessoas para falarem. Foi um trabalho primoroso. ■■

Sou motorista há 15 anos e já trabalhei para a Redes da Maré em vários projetos em prol da comunidade. Nessa pandemia, com a entrega das cestas básicas, foi um contato mais profundo. A rotina era de 7h30 às 4h da tarde. Eu levava entre 60 e 70 cestas por dia, de 30 em 30. Rodava uns 15, 20 quilômetros por dia, de segunda a sexta. A cada dia, ou cada semana, a gente fazia uma área: “essa semana vamos tentar fazer a Vila do João toda”; “a partir de agora, da Baixa do Sapateiro para cá...”. Sempre alternando, para que todas as comunidades recebessem a ajuda.

A dificuldade maior era achar as residências. Muitas ruas não têm nome, são números. Ou receberam nome, mas os próprios moradores ainda não sabiam. Às vezes também era difícil chegar até a residência. Por exemplo, uma pessoa que morava no quarto andar e não podia vir buscar a cesta. A gente não podia subir por causa da contaminação.

Eu sempre tive cuidado, pois o risco é o maior possível. Se eu passar ileso vai ser uma coisa extraordinária. O cuidado sempre foi esse: ficar só em casa. Gosta de tomar uma cerveja? Toma em casa. Os amigos dos meus filhos querem ir lá e tem de seguir o procedimento: álcool em gel, distanciamento. Eu tenho uma laje, então as pessoas ficam a uma certa distância. E como sou o mais velho, sou o chato, o que cobra. Se não quiser, não precisa nem vir. Acho que é por isso que eu e minha família estamos passando ilesos pela pandemia.

Você viver o procedimento todo e entender como funciona é muito importante. Eu pude passar para vários amigos, várias pessoas que eu conheço. Alguns diziam que era coisa inventada. Gente que estudou, até fico com vergonha. Eu pude explicar da maneira que aprendia na Redes e acho que teve algum efeito. Pararam de falar, tentaram entender. E eu já vi que estão usando esse método.

No começo da pandemia a entrega das cestas era dramática. As pessoas estavam passando fome, passando sede — nós também doamos muita água, porque teve uma crise de água



André Ferreira Rodrigues

49 ANOS,
MOTORISTA
MORRO DO TIMBAU

também. Era chocante, e ainda é. A pandemia está voltando e as pessoas estão clamando por ajuda. E a gente se sente impotente.

Teve uma senhora que viu a gente entregando a cesta no vizinho. Ela não estava entendendo nada do que estava acontecendo. É aquele caso: a pessoa não tem um contato com celular. Ou se tem, é de alguém que não se importa. Nem o vizinho oferece: “está tendo um cadastro aqui pelo celular, a senhora quer fazer”? É cruel, cruel. Ela viu a gente e chamou: “você consegue pelo menos um saco de biscoito para mim? Eu vi você entregando cesta ali, isso é para vender”? A gente passa lá e essa senhora continua na porta. Mas a gente sempre lembra de levar alguma coisa para ela. ■■■

GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA

Na frente de geração de trabalho e renda, a Redes da Maré trabalhou com quatro atividades, que resultaram na criação de 129 postos de trabalho.

Cozinheiras do projeto Maré de Sabores produziram alimentos para populações em situação de rua; costureiras confeccionaram máscaras; motoristas entregaram cestas de alimentos e kits limpeza e higiene pessoal nos 17.648 domicílios das famílias cadastradas; e moradores foram contratados para higienizar todas as ruas da Maré com produto específico para o combate à Covid-19.

Cozinheiras colocam a mão na massa

Criado em 2010, o projeto *Maré de Sabores* oferece qualificação profissional em gastronomia para mulheres através das ações desenvolvidas pela Casa das Mulheres da Maré. O projeto também inclui um bufê, constituído pelas mulheres formadas pelo curso, que presta serviços de *catering* no estado do Rio de Janeiro, gerando trabalho e renda para as mulheres. Até março de 2020, o bufê garantia o sustento dessas mulheres e assegurava, também, a sustentabilidade das atividades de formação da Casa das Mulheres da Maré.

Com a suspensão das atividades comerciais não essenciais na pandemia, os eventos foram cancelados e as mulheres envolvidas nas atividades do bufê – muitas responsáveis pelo sustento de seus domicílios – tiveram sua remuneração também suspensa.

Foi nesse contexto que surgiu o projeto *Sabores e Cuidados*, dedicado à preparação de refeições diárias para as populações em situação de rua presentes na Maré e no entorno da favela. Por seis meses, esse trabalho garantiu renda fixa para 22 mulheres envolvidas na produção das refeições, com uma média salarial de R\$ 900.

O trabalho contou também com uma equipe interna da Redes da Maré e voluntários de diferentes igrejas na produção, montagem e entregas das quinzenas. Essa ação também garantiu refeições diárias para as equipes de campo da campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**.

*Produção de refeições para doação pelo bufê Maré de Sabores,
da Casa das Mulheres da Maré*



FOTO: DOUGLAS LOPES



Adriana Moreno

37 ANOS
COZINHEIRA
VILA DO PINHEIRO

Há quatro anos sou uma das cozinheiras do bufê Maré de Sabores, um projeto que funciona na Casa das Mulheres, mantida pela Redes da Maré. Em março, com a pandemia, acabaram os eventos. Mas logo surgiu a ideia de fazer as quentinhas.

Começamos produzindo 200 quentinhas diárias. Foi aumentando: 260, 300. O maior número que fizemos foi na Semana Mundial da Comida: 740 quentinhas por dia. Foi a semana mais difícil pra gente. A gente achou que não ia dar conta, mas foi bem organizado. Eram quatro meninas na cozinha. Tinha uma equipe para cozinhar, uma para montar as quentinhas e outra para entregar. Chegamos a ter 15 pessoas trabalhando.

Todos os dias — sábado, domingos, feriados — as quentinhas eram entregues nas “cenas”, locais onde vive a população de rua, em geral usuários de crack. Outra parte ia para a Casa Normal, um outro projeto da Redes, também para os usuários de crack.

A produção de quentinhas era diferente do bufê. Já sabíamos como planejar para o bufê. Para as quentinhas, no início, a gente não sabia calcular, por exemplo, quanto fazer de arroz e feijão. Temperar aquela quantidade imensa de carne era difícil.

Eu e duas meninas pegamos Covid-19. Fiquei um mês com muita tosse e cansaço físico. E ainda precisei de mais 15 dias para me recuperar e voltar a trabalhar. Tive de me readaptar ao trabalho, pois era muito cansativo. Além de produzir as quentinhas do dia, a gente tinha de deixar tudo preparado para o dia seguinte. O pior serviço era descascar alho. Eram três caixas por semana. Em dezembro, meu marido pegou Covid e me contaminei de novo. Dessa vez, os sintomas foram mais leves.

Recebíamos muitas doações: feijão, arroz, massa de cuscuz, fubá. Variávamos bastante o cardápio, com arroz, feijão, angu e legumes. Depois começamos a receber muitas doações de alface, 300 pés por semana. Tínhamos de higienizar tudo. Era muito trabalhoso.

Nosso salário não era o mesmo que tínhamos com o bufê. Diminuiu bastante. Mas a gente sabia que estava fazendo uma coisa boa para o pessoal em situação de rua. As pessoas agradeciam, paravam a gente na rua, diziam que a comida estava gostosa. A gente se sente como? Feliz, né? ■■■



FOTO: DOUGLAS LOPES

Costureiras produzem máscaras

Em 18 semanas, um total de 280 mil máscaras saiu das mãos das 54 costureiras que participaram do projeto *Tecendo Máscaras e Cuidados*. Parte da campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**, através da parceria com o projeto *Ações Emergenciais Covid-19 – Heróis Usam Máscaras*, da Fundação Tide Setubal, a iniciativa garantiu que famílias das 16 comunidades tivessem acesso a mais este recurso de proteção.

Desenvolvido a partir da Casa das Mulheres da Maré, o *Tecendo Máscaras e Cuidados* foi realizado entre 29 de abril e 29 de agosto de 2020 e envolveu uma equipe numerosa. Além das costureiras, cinco pessoas trabalharam no acompanhamento da produção (duas coordenadoras, um assistente e dois motoristas) e 12 pessoas na distribuição destes itens de proteção.

Dona Almerinda Muniz, moradora do Conjunto Pinheiros, ajudou a produzir 20 mil máscaras por semana

Semanalmente, dois motoristas passavam pelas casas das 54 costureiras para deixar o tecido para confecção dos produtos. Sete dias depois, retornavam para coletar as máscaras prontas para distribuição. A estratégia evitou que as profissionais envolvidas na produção das máscaras precisassem circular, garantindo o cumprimento dos protocolos de segurança de prevenção de contaminação pelo novo coronavírus.

A remuneração das costureiras foi definida no valor de R\$ 1,20 por máscara produzida, garantindo um montante semanal de R\$ 480 para uma produção de 400 máscaras por semana. O valor mensal ficou em torno de R\$ 2.000 por costureira. Para muitas, um recurso que garantiu a sobrevivência da família nos meses de pandemia.

Outro efeito positivo foi a mobilização de um novo grupo de mulheres para as atividades da Casa das Mulheres da Maré. A Redes está produzindo entrevistas com os participantes dessa iniciativa para entender o impacto do projeto em suas vidas e pensar a continuidade das atividades.

Moro aqui na comunidade há 50 anos. Desde os 18 anos não faço outra coisa, a não ser costurar. A Andreza Jorge, do grupo Mulheres ao Vento, me procurou para cortar as máscaras. Foram mais de 200 mil. Foram chamadas 50 costureiras de toda a Maré. Essas máscaras nos mantiveram durante todo o ano.

Eu tinha de cortar 20 mil máscaras por semana. Essas máscaras eram distribuídas pelas costureiras. Cada uma tinha de confeccionar 400 máscaras por semana. Você não tem noção de como a renda que isso gerou ajudou a todas. Com a pandemia, a maioria das fábricas fechou, foi inesperado. E ainda reduziram o salário do meu marido. Eu praticamente mantive a minha família com essas máscaras. Passei a ganhar melhor do que antes. Minha mãe, minhas irmãs e minhas filhas ajudaram também. A família inteira participou. Todo mundo costura.

Foi feito um trabalho muito bonito aqui na Maré. A maioria das pessoas não tinha noção da gravidade desse vírus. Teve carro de som falando pra população usar máscara, distribuição de álcool de porta em porta, cesta básica para os que perderam seus empregos.

Nós fizemos um grupo de WhatsApp das costureiras e ainda mantemos contato. Quando a gente sabe de um trabalho, coloca no grupo. Ficou uma amizade forte entre nós. ■■■



Eliana Maria Nascimento dos Santos

55 ANOS
COSTUREIRA
NOVA HOLANDA

Motoristas levam esperança a toda a Maré

Durante a campanha de entrega de cestas de alimentos, foi preciso organizar uma logística de distribuição, evitando que moradores se deslocassem para apanhar os produtos, expondo-se ao risco de contaminação. Para isso, foram contratados, de forma permanente, 13 motoristas, todos eles moradores da Maré que haviam sofrido perda de renda significativa, uma vez que trabalhavam como profissionais autônomos.

Munidos de equipamentos de proteção individual (EPIs), os motoristas tiveram participação crucial na complexa missão de apoiar os moradores da Maré num momento muito difícil. Muitos relataram o impacto desse trabalho na vida deles, inclusive o fato de estar, de forma coletiva, ajudando as pessoas. Para a instituição, foi fundamental conhecer e se aproximar desses moradores, que se engajaram e permitiram que conseguíssemos entregar cestas para 17.648 famílias.

O motorista André Rodrigues entrega cesta básica e produtos de limpeza para família da Nova Holanda



FOTO: DOUGLAS LOPES

Sempre fui pedreiro. Trabalhei como motorista pela primeira vez na campanha das cestas. E foi uma experiência boa, estou gostando da função. Era puxado, das 7h da manhã às 5h da tarde, mas era uma satisfação enorme ver tantas pessoas agradecendo, saber que a gente tinha ajudado as pessoas que mereciam, que precisavam. Eu nem imaginava que iria participar de um evento desse um dia, depois do que aconteceu comigo. Eu perdi o meu filho, Marcus Vinícius da Silva.

Foi em 2018. Ele saiu atrasado para ir pra escola. Todo dia ele passava na casa do amigo para irem juntos. Nesse dia, quando ele entrou na vilazinha para chamar o colega, começou a operação, helicóptero já atirando. Diz o colega dele que falou: “não, não vamos mais pra escola, não”. Ele voltou, retornou pra pegar a rua que tinha acalmado, aí o policial viu e atirou nele. E ele de uniforme da escola, mochila. Ele, baleado, correu pra vila. Os vizinhos colocaram ele no carro, levaram pra UPA. Os policiais ainda impediram a ambulância de entrar na Maré. Demorou muito. Se não fosse essa ordem, quem sabe ele teria uma chance de sobreviver.

Ele via as coisas erradas, ele reclamava, ele gostava de ajudar os colegas dele. Sempre que eu entregava uma cesta e o povo vinha chorando, agradecendo, eu lembrava dele. Isso me dava força para continuar. Houve momentos, antes de eu entrar na Redes da Maré, em que eu não conversava com ninguém, estava sempre pensando nele. É muito triste.

Tinha horas em que eu pensava em desistir. Vou ficar na minha mesmo, ajudar quem? Ninguém me ajudou na hora em que eu mais precisei. Mas eu ia pra casa e ficava pensando. Aquela voz falando: “vai ajudar o povo. Ajuda, que acontece algo de bom na vida da gente”.

A rotina era corrida. Meu carro era pequeno, eu levava no mínimo seis cestas. Dava umas 50 por dia, de segunda a sábado. Não parava: ia e voltava, ia e voltava. Na época, eram 12 motoristas, divididos entre Nova Holanda, Parque União, Pinheiro, Vila do João, Timbau, Marcílio Dias, o conjunto Bento Ribeiro

FOTO: DOUGLAS LOPES



José Gerson da Silva

39 ANOS
MOTORISTA
VILA DO PINHEIRO

Dantas, Roquete e Praia de Ramos. Além das cestas, a gente ainda entregava as quentinhas para os moradores de rua.

A maior dificuldade era o poder paralelo, o tráfico. Tinha pessoas que vinham de áreas de facções diferentes, e eles achavam que iam ficar sabendo das coisas. Às vezes, eles impediam a gente de passar, mas com o tempo foram vendo que não era nada daquilo, era para ajudar o povo. E conseguimos ter acesso.

Se houver outras campanhas, vou estar sempre presente. O que for para ajudar o povo da Maré, estou aí. ■■■

A campanha foi bem intensa, muito gratificante. Todos naquele ritmo, querendo colaborar, sem medir horário, sem medir dificuldade. Eu chegava bem cedo, 7h, e saía 18h, 19h. Tinha semana em que a gente trabalhava de domingo a domingo.

Chegamos a ter 24 motoristas, em um dia de mutirão. Eu fazia umas seis viagens por dia, entregando oito cestas em cada uma. A média era essa: 48, 50 cestas por dia. A logística procurava colocar o motorista para trabalhar no território com o qual ele se identificava mais. Tem gente que conhece muito bem a [comunidade] Salsa e Merengue, que é um lugar mais novo. Outros têm mais facilidade na Nova Holanda.

A maior dificuldade eram os endereços. Não é como no asfalto. Tem de ser raiz para saber. Na Vila do João, por exemplo, antes as ruas tinham números, agora têm nome: rua da Esperança, rua Gratidão. Mas nem os moradores sabem os novos nomes.

Não tive medo de ficar doente. A gente usava bastante os EPIs, álcool em gel, lavava as mãos, trocava de máscara regularmente. Consegui cumprir a missão sem me contaminar.

Houve vários momentos emocionantes. Eu ia pra casa e ficava com aquela cena na cabeça: a pessoa ajoelhada — não tinha mais o que comer e chegava aquela cesta bem farta. Era emocionante. Teve uma situação, na véspera do Dia das Mães, em que chegamos para entregar a cesta e a família tinha acabado de receber a notícia da morte da mãe. Ela é que tinha feito a inscrição. Não chegou a receber a cesta, mas ainda assim ajudou a família.

Eu não imaginava que tanta gente, tão perto de mim, passava fome. Mesmo que o Estado quisesse, não conseguiria fazer o que a Redes faz: ter esse controle no território, essa liberdade, sem fronteira, sem interesse.

Queria agradecer à Redes da Maré por ter feito essa campanha. Por mais que eles saibam, pelos números, que ajudaram, eles não têm noção de quanto eles foram importantes na vida dessas pessoas que estavam realmente passando fome. E todos nós que participamos fomos ajudados também, por crescermos como pessoas, como seres humanos. ■■

FOTO: DOUGLAS LOPES



Rosemberg do Rosário Miranda

42 ANOS
MOTORISTA

Moradores higienizam ruas, becos e vielas

A Redes da Maré, em articulação com as Associações de Moradores e a Comlurb, realizou a higienização e desinfecção de todos os logradouros da Maré. Por um período de 20 dias, entre junho e julho de 2020, a ação envolveu 71 profissionais: 20 funcionários da equipe de varredura da Comlurb; 32 operadores de desinfecção; 15 supervisores locais; dois supervisores técnicos e dois coordenadores.

Os objetivos centrais da ação foram a limpeza e a desinfecção dos quase mil logradouros do conjunto de favelas da Maré com produto especial para a prevenção do novo Coronavírus. Após a limpeza das ruas, os funcionários aplicavam um produto à base de cloreto de benzal-cônico, de ação desinfetante, para inibir a contaminação dos espaços públicos pelo vírus.

Através da parceria com a Comlurb, foi realizado treinamento e capacitação dos moradores para a operação da máquina de desinfecção com o uso do desinfetante, além de noções de segurança do trabalho para cuidados no manejo de produtos químicos. A ação também permitiu remunerar 30 destes operadores de desinfecção com um valor médio de R\$ 1.000 e apoiar financeiramente 15 associações de moradores para realizar a supervisão local.

Chegada de equipe de desinfecção: quase mil ruas e vielas foram higienizadas



FOTO: KAMILA CAMILLO



**APOIO A ARTISTAS,
PRODUTORES E GRUPOS
CULTURAIS LOCAIS**

Viver de arte e cultura no Brasil, especialmente em favelas, sempre foi um desafio. Nos últimos anos, o desmonte dos incentivos públicos à produção artística e cultural se intensificou. Houve bloqueio de diversas ações realizadas com recursos do Governo Federal com a extinção do Ministério da Cultura, em 2019, e a falta de investimento nos editais da Fundação Nacional de Artes (Funarte).

Este quadro de precariedade nas políticas públicas para o campo da arte e da cultura se intensificou com a pandemia do novo coronavírus. Ao mesmo tempo em que foi percebido um aumento no consumo de produtos artísticos como filmes, séries, músicas e *lives* artísticas, aumentavam as dificuldades dos artistas para se manterem através de sua atividade profissional.

Segundo a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), em 2018, o setor cultural contava com cerca de 5 milhões de trabalhadores e trabalhadoras. Destes, 44% trabalham de forma autônoma. Por conta disto, a garantia de direitos trabalhistas e a possibilidade de organizar fundos ou poupanças não é uma realidade para todos os trabalhadores das artes no Brasil.

O conjunto de favelas da Maré possui uma produção local muito rica em arte e cultura. Feiras, bailes funk, festivais de rock, shows de forró e rodas de rima são algumas das ações produzidas por artistas e produtores do bairro. Nesses espaços circulam pessoas, surgem ideias, e, claro, gera-se renda. A produção de arte e cultura na Maré é responsável pelo sustento de milhares de famílias, direta ou indiretamente.

Diante do quadro de poucos recursos destinados ao setor cultural na pandemia, a Redes da Maré buscou estabelecer parcerias para apoiar profissionais a desenvolverem ações artísticas e culturais de forma remota. A partir de uma doação, foi possível criar uma chamada pública para que artistas e produtores da Maré pudessem ser apoiados com recursos financeiros.

Novas formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas

O edital “Novas formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas” teve como principal objetivo estimular artistas, produtores e comunicadores populares das favelas da Maré para que pensassem suas atividades no novo contexto de distanciamento social. Desta forma, eles puderam garantir sustentabilidade mínima para seus projetos artísticos, culturais e comunicacionais.

O projeto foi contemplado pela Lei de Incentivo à Cultura, com apoio do Itaú Cultural e da People’s Palace Projects. A ação foi patrocinada pelo Itaú e realizada pela Redes da Maré. Foram oferecidas 31 bolsas de incentivo, nos valores de R\$ 3.000, R\$ 5.000 e R\$ 10.000 para criadores de literatura, artes plásticas, audiovisual, dança, teatro, música, *podcast* e fotografia/texto.

Durante o período de inscrição, 86 iniciativas enviaram suas propostas. Algumas apresentaram projetos novos, outras, a manutenção de projetos já existentes e a reformulação de atividades. A banca de seleção foi composta por Paul Heritage, Pâmela Carvalho, Clara Sacco, Juliana Marques, Maïra Gabriel, Geisa Lino e Ana de Fátima, que escolheram os projetos de:

Anderson de Oliveira Ramos dos Santos, Angélica Lopes, Breno Henrique de Souza, David Magalhães, Geandra Nobre do Nascimento, Irenilda da Silva, Jean Carlos Azuos, Jefferson de Souza Vasconcelos, Jonatan Peixoto de Castro, Juliana Targino, Kamyla Galdeano Pereira, Karina Rodrigues Donaria, Lucas Henrique Ferreira, Marcelo Vitor Heleno Dantas, Matheus Motta de Moura, Matheus Siqueira Euzébio, Milena Gomes Vital, Pablo da Silva Marcelino, Paulo Jorge Ribeiro Barros, Raphael Santos da Cruz, Rayanne Felix Da Silva, Rejane Barcelos da Silva, Renan de Jesus dos Santos, Ricardo de Araújo Xavier, Rodrigo de Souza Santos, Sabrina Martina Evangelista, Saulo Pereira Ribeiro, Simone Lauar, Vanussa de Azevedo Francisco Rodrigues, Vinícios do Nascimento Ribeiro e Wallace Gonçalves Lino.

A chamada pública serviu não só como apoio aos trabalhadores culturais da Maré, mas também como forma de aprofundar as relações e reflexões sobre os fazedores locais de cultura e seus saberes. Para isso, foi organizado um grupo de mentores, que acompanhou cada um dos projetos a partir de sua área de trabalho. Além de contribuir com a execução da proposta, os mentores têm a missão de avaliar como a Redes da Maré pode contribuir para que projetos de arte e cultura da Maré se tornem cada vez mais sólidos e estabeleçam redes de trabalho e difusão artística. A equipe de mentores contou com Andreza Jorge, Douglas Lopes, Drika de Oliveira, Eloi Leones, Fabricio Mota, Jéssica Pires, Pandro Nobã, Phellipe Azevedo, Renata Novaes, Ryane Leão, Thomas Harres e Vitor Felix.

Corpo em isolamento

“O que você está fazendo com o seu corpo hoje?”. A partir da pergunta, os alunos e alunas da Escola Livre de Dança da Maré, projeto realizado pela Redes da Maré, em parceria com a Lia Rodrigues Companhia de Danças no Centro de Artes da Maré, produziram textos e vídeos sobre o processo de isolamento social gerado pela pandemia do novo Coronavírus. O processo foi parte do projeto *Corpo em Isolamento*, realizado a partir do convite da equipe do setor Educativo do Instituto Moreira Salles (IMS) para participarmos da chamada artística e cultural *Programa Convida*, em abril de 2020.

Em fotografias e vídeos, os alunos e alunas das diferentes oficinas da Escola Livre de Dança da Maré refletiram sobre suas experiências em tempos de Covid-19, falando sobre o impacto do isolamento em suas vidas, suas casas e atividades de rotina. Com enfoque nas suas ações corporais dentro de suas casas ao longo da pandemia.

Uma surpresa foi que a adesão não se limitou aos alunos do núcleo de formação técnica e profissional da escola, que frequentam o espaço de modo mais intenso. As mulheres que faziam aulas de yoga e consciência corporal foram atraídas pela proposta e pela possibilidade de mostrar o conhecimento adquirido durante sua participação nas atividades.

A partir desta provocação, os alunos e alunas pensaram sobre o seu próprio conhecimento em dança e sobre o que gostariam de compartilhar no distanciamento.

Inicialmente, a ideia era selecionar até 20 propostas entre os materiais que melhor se enquadrassem nos quesitos de qualidade visual, originalidade e atendimento à proposta da chamada. O material produzido e recebido foi muito diverso, desde vídeos com depoimentos até imagens do dia a dia dos alunos, assim como intervenções dançadas nas mais diversas formas, dicas sobre atividades corporais feitas em casa, imagens de suas residências e vizinhanças e relatos sobre como estava sendo a quarentena. Ficou evidente que alguns tinham mais intimidade e recursos tecnológicos que outros, e o acesso à internet não ocorria de forma igualitária.

As coreógrafas Cristina Moura e Lia Rodrigues participaram da seleção. Ao final, 22 propostas foram escolhidas. Ao enviar os materiais para a ação, cada participante cedeu os direitos autorais de sua performance ao projeto *Corpo em Isolamento*. Cada aluno também recebeu uma ajuda de custo pela participação.

O trabalho virtual foi novidade para todos da equipe do Centro de Artes da Maré e para os alunos e alunas dos projetos desenvolvidos no espaço. O material selecionado foi recolhido pela equipe de Comunicação da Redes da Maré, que editou os vídeos, produziu as artes gráficas e publicou o conteúdo nas redes sociais. O processo de criar esta proposta e definir como ela se desenvolveria foi facilitado pelas trocas com a equipe do Educativo do Instituto Moreira Salles, sempre atenta e disponível. Em um momento tão desafiador, foi possível experimentar uma outra forma de fazer dança.



VEJA O VÍDEO SOBRE
O PROJETO EM:

<https://bit.ly/2RD8AJD>





CONFIRA O PROJETO
A MARÉ DE CASA
NO ENDEREÇO:
www.amaredecasa.org.br

a
maré
de
casa
IMAGENS DA
QUARENTENA



A Maré de Casa

Que imagens nos marcaram durante a pandemia? Esta foi a pergunta do projeto *A Maré de Casa*, que desenvolveu duas ações simultâneas. A primeira envolveu seis jovens moradores da Maré, integrantes do *Mão na Lata*, projeto de fotografia em câmeras artesanais que já era realizado antes da pandemia, de diários textuais e fotográficos sobre suas experiências e percepções ao longo de quatro meses de quarentena.

A segunda ação, intitulada *Da Minha Janela*, foi uma convocação pública aos moradores da Maré para que enviassem fotos e textos que refletissem o que viam, ou o que não viam, de suas janelas. A ideia era pensar como essa paisagem estava interferindo em suas vidas. A ação incluiu um concurso, através de votação popular online, para premiar os autores das fotos e textos mais votados com um valor em dinheiro. Tanto os diários quanto a ação *Da Minha Janela* foram publicados em uma plataforma que funciona como uma galeria virtual de publicação e exposição de todos os materiais produzidos.

Além dos seis jovens que elaboraram seus diários, cerca de 70 pessoas enviaram fotos e textos dentro da proposta *Da Minha Janela*. O público estimado para a ação, que acompanhou o trabalho por meio do site e das redes sociais, é estimado em cerca de 40 mil pessoas.

A Maré de Casa foi uma iniciativa da Redes da Maré, através da parceria com o People's Palace Projects, e teve a artista visual Tatiana Altberg e a pesquisadora Raquel Tamoio como idealizadoras.



ÁREAS ESTRATÉGICAS: CAPTAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Beatriz Bracher

ESCRITORA E
ROTEIRISTA

Eu já apoio a Maré há alguns anos. Quando começou a pandemia, eu e meus irmãos nos unimos — somos cinco — e resolvemos apoiar iniciativas para ajudar pessoas durante a pandemia. Essas pessoas precisavam ter comida e dinheiro para poderem ficar em casa.

O Rafael Poço, do Instituto Galo da Manhã, administrou o dinheiro que nós separamos para fazer as doações. Eu acompanhei um pouco, mas foi através dele que agendamos recursos para a Redes da Maré.

O Galo da Manhã foi feito para ajudar organizações. O Instituto não foi criado para fazer as coisas. A ideia é apoiar aqueles que fazem. Mas, como começou a pandemia, acabamos entrando em contato direto com as organizações, como a Redes da Maré, e com lideranças locais também. Ajudamos bastante em São Paulo, Rio de Janeiro, um pouco em Salvador, Manaus e também no Amazonas e no sul do Pará. Foi uma coisa bem espalhada. Dando apoio para organizações maiores, como a CUFA e outras, conseguimos chegar às entidades menores também.

O que me impressionou muito foi perceber como a comunidade que não tem liderança fica invisível, some. Como as lideranças locais são essenciais para organizar as pessoas. Tenho a impressão de que foram criadas lideranças novas, jovens, muitas mulheres. Creio que essas pessoas passarão a ter uma influência política muito grande. A pandemia foi horrível, mas as pessoas terem conseguido criar essas lideranças e organizações, durante um governo que está fazendo crescer tanto as milícias, foi uma coisa muito saudável.

Eu já fui à Maré, conheci a Eliana [*Sousa, diretora da Redes*], conheci o Maré de Sabores. Tem tantas coisas boas. Eu fico emocionada. A gente sempre quer dar auxílio para algo que mude estruturalmente as coisas. Você pode pensar que dar cestas básicas não vai mudar estruturalmente nada, mas o exemplo de solidariedade é uma coisa que muda. A pessoa que recebe

ajuda, quando puder vai ajudar também. E o fato de serem os vizinhos que estão se ajudando, essa organização comunitária se fortalecer, é uma mudança estrutural. Ajuda estruturalmente as pessoas a se sentirem mais protagonistas e mais capazes de cobrar coisas depois. Uma ação da mão para a boca, como dar as quentinhas para os usuários de crack, além de ajudar essas pessoas naquele momento, tem outro efeito: os que estão em volta vêem que essas pessoas também merecem afeto. Isso é muito legal.

Já auxiliava a Redes da Maré, então, quando chegou a pandemia, foi natural a Eliana me procurar, eu procurar. Fez-se uma união que se chama União Rio, a qual o Galo ajudou a organizar, e a Redes da Maré fazia parte. Foi esse o caminho para o dinheiro chegar. Sempre havia reuniões para saber quantas pessoas, quantas bolsas, quantas cestas haviam sido dadas, quem recebeu dinheiro, o que foi feito. A Redes cuida de milhares de pessoas, não é um projeto pequeno. E ter uma liderança que você sabe que vai ser eficiente é muito tranquilo. A gente tinha certeza de que o que a gente desse chegaria até as pessoas. Tivemos um acompanhamento muito de perto, mas muito informal, sem recibo, só pedindo para mandar foto e falando com as pessoas. Foi legal, pois deu para ser ágil.

Resolvemos apoiar algumas áreas com o Galo da Manhã. As duas principais são democracia e justiça. Na parte de democracia, tem a questão de aumentar a representatividade, tanto no legislativo como no judiciário, tanto em termos de raça ou de etnia, quanto de gênero e de origem. Eu acharia muito bom se a Redes da Maré tivesse alguma coisa ligada a isso. Na pandemia entendi mais ainda como as lideranças comunitárias são importantes em si mesmas e para as comunidades. Uma coisa bonita que uma delas me falou foi: “Olha, essa pandemia é terrível, porque a solução para não se contaminar é o isolamento e se a gente sobreviver é por conta da união, por estar junto”. ■■■

O advento da pandemia do novo Coronavírus colocou novas e prementes demandas por recursos para a Redes da Maré. Era preciso agir rápido para produzir ações de prevenção ao vírus e para minimizar as dificuldades enfrentadas pelas famílias mais vulneráveis, mas naturalmente essa emergência não estava prevista no orçamento da organização. As semanas que precederam a campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** foram de intensa atividade e planejamento. A equipe da Redes saiu em busca dos editais dedicados ao tema da Covid-19. Ao todo, a instituição participou de 20 chamadas e editais relacionados à pandemia.

Ao mesmo tempo, a Redes recorreu às doações de antigos e novos parceiros, pessoas físicas e jurídicas, interessados em colaborar com a campanha. Pessoas e empresas queriam fazer parte da campanha; nosso trabalho foi trazê-las para perto. No total, tivemos a colaboração de cerca de 300 pessoas físicas e jurídicas. Neste processo, percebemos a importância de um relacionamento personalizado, com retorno muitas vezes individual a esses apoiadores.

Conforme a campanha foi se desenhando e tomando corpo, a equipe de captação de recursos e relacionamento institucional se apropriou cada vez mais do trabalho. De forma remota e presencial, cada pessoa da equipe se dedicou a uma ou mais frentes, sem deixar de agir de forma integrada.

Dois sucessos foram as campanhas de captação através de financiamento coletivo. Uma campanha na plataforma Catarse trouxe 144 novos doadores e potenciais parceiros. Além disso, a base de doadores recorrentes na plataforma Benfeitoria cresceu 40% ao longo de sete meses de campanha. Artistas e coletivos também doaram de forma direta ou indireta o valor de seu cachê (músicos, artistas plásticos, coletivos, galerias de arte) para o projeto.

A arrecadação se deu através de crédito em duas contas bancárias da Redes da Maré e através do PayPal, cartão de crédito e aplicativos como AME e PicPay. Os recursos foram destinados à aquisição de alimentos, produtos de limpeza e higiene pessoal e à estrutura de logística de entrega de todos esses materiais. As compras foram realizadas no comércio local da Maré, contribuindo para gerar vitalidade econômica neste período de crise.



FOTO: KAMILA CAMELO

Muitas doações não foram em dinheiro: alimentos, água mineral, álcool, fraldas geriátricas, equipamentos de EPIs e muitos outros itens foram entregues no Centro de Artes da Maré, o galpão que foi sede da campanha, e de lá partiram para as residências dos moradores.

Voluntários organizam os alimentos recebidos para doação

Do início ao fim, a comunicação

A comunicação foi essencial em vários aspectos da campanha, como a captação de doações, a mobilização dos moradores da Maré, a transparência sobre o uso do que foi arrecadado e o retorno aos que contribuíram. Cada pessoa, coletivo, organização social ou empresa que participou, através da doação de recursos, de insumos, de trabalho, a partir e para a campanha, teve seu gesto reconhecido.

Todas as ações eram sistematizadas para publicação semanal na página dedicada à campanha, no site institucional da Redes da Maré, com a listagem de cada item e quantidade doada, assim como as fotos para acompanhamento do público externo. Muitos doadores trouxeram demandas específicas de registros de imagens, que foram atendidas individualmente.

Além de prestar contas, a página da campanha também ofereceu relatos sobre as ações e o contexto da Maré durante a pandemia, oferecendo uma visão integral do trabalho. Foi preciso um trabalho de apuração e costura intenso para trazer todas as informações, dados e ações consolidados, oriundos de pelo menos oito frentes e grupos de trabalho.

Esse conteúdo chegava aos colaboradores toda semana, por meio do canal de comunicação interno, para mantê-los informados e engajados. Já o público externo recebeu os relatos através das redes sociais, *newsletters* e apresentações. Ao longo de quase sete meses de campanha, foram produzidas mais de 70 peças, entre *cards* e vídeos, com o objetivo de trazer imagens e depoimentos do cotidiano das pessoas envolvidas, além de uma linha do tempo e dez *newsletters*. A equipe da Redes produziu mais de 50 vídeos sobre a campanha e suas ações, com imagens e depoimentos de envolvidos e beneficiados.

Todo esse movimento gerou um engajamento ainda maior no site da Redes da Maré e seus perfis nas redes sociais, ampliando a interação com os moradores através de mensagens de texto e comentários, numa intensa demanda diária de respostas. A conta da Redes da Maré no Facebook ganhou 3.901 novos fãs entre os dias 14 de março e 25 de setembro de 2020, subindo de 56.859 seguidores para 60.760. Ao longo do período, a página recebeu 1.525 mensagens, um aumento de 38% em comparação com os 196 dias anteriores. Os comentários nas publicações no Facebook triplicaram durante o período analisado.

A campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** valorizou e fortaleceu a capacidade inventiva e organizacional da equipe da Redes. Este enorme desafio resultou em muito aprendizado, ampliou e consolidou parcerias e dinamizou a comunicação com colaboradores e na instituição, ampliando a sustentabilidade das ações e a credibilidade da Redes da Maré. O trabalho levou a Redes a ficar entre os quatro finalistas do Prêmio ABCR Doação Solutions na categoria Melhor Iniciativa em Captação de Recursos.

Assessoria de imprensa e comunicação externa

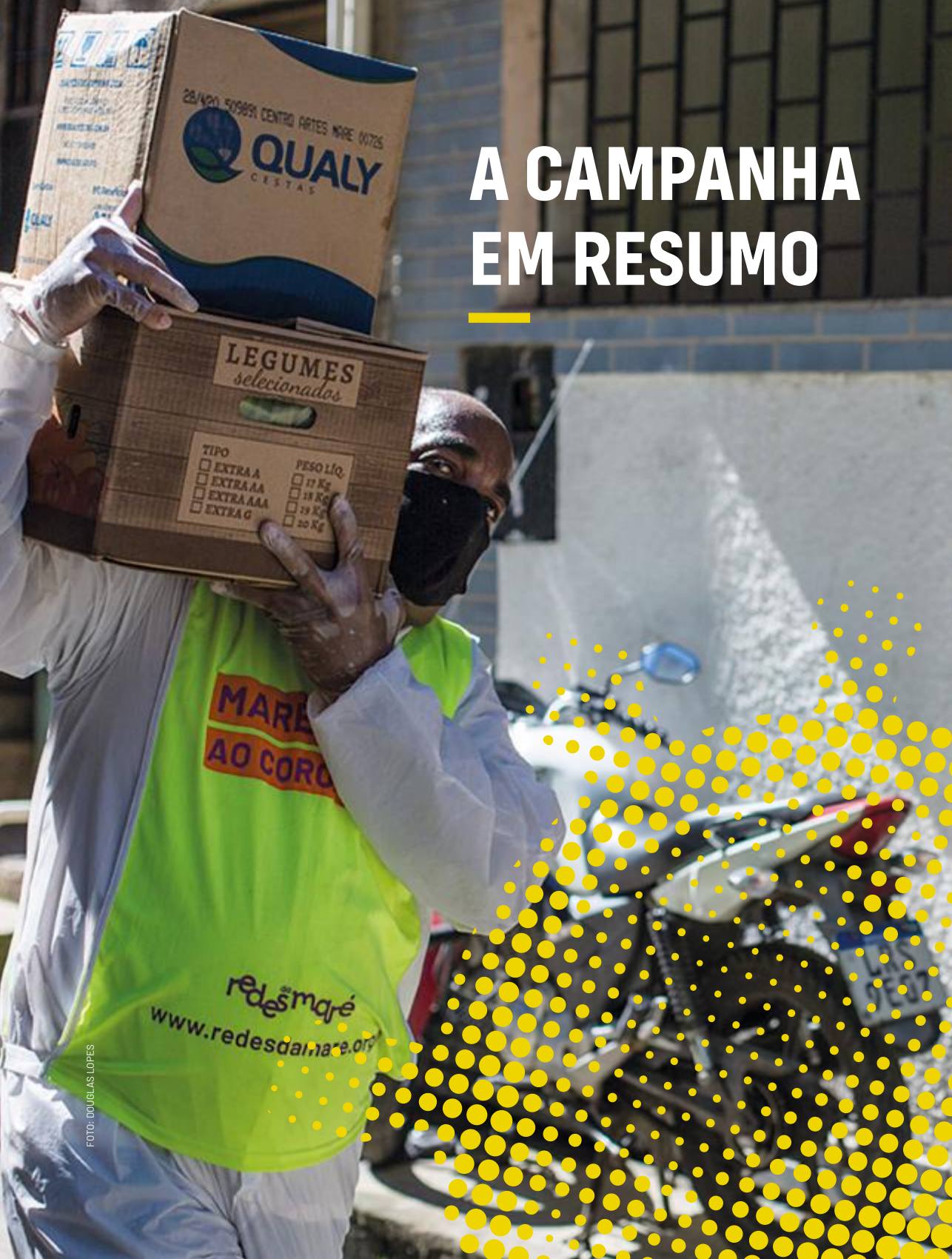
O objetivo do trabalho de assessoria de imprensa foi dar visibilidade ao trabalho da Redes da Maré durante a campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**, contribuindo para ampliar o conhecimento do público, dos jornalistas e dos formadores de opinião sobre a instituição, seus valores e eixos estratégicos. Ao todo, a campanha foi tema de 150 matérias, reportagens e artigos em veículos de mídia locais, regionais, nacionais e internacionais. Houve ainda 309 textos na mídia estrangeira, nacional, regional e comunitária sobre o conteúdo do boletim *De Olho no Corona!* e 109 outros sobre o projeto *Conexão Saúde*.

A estratégia utilizada foi o uso de diferentes ferramentas, formas de contato e distribuição de pautas relacionadas à campanha para repórteres, editores, colonistas e articulistas, por meio do agendamento de conversas, envio de *press releases* e sugestões de pauta, ações com parceiros, lançamentos de novos produtos e/ou atividades e artigos de opinião. É importante destacar a produção de conteúdos jornalísticos estratégicos para enviar à imprensa, sobretudo fotos e vídeos de entrevistas com porta-vozes da instituição e depoimentos de moradores. Com a pandemia, as redações também passaram a operar remotamente e a cobertura jornalística nas ruas diminuiu muito; algumas reduziram o número de horas de trabalho dos profissionais. A produção de material informativo relevante, de qualidade, com agilidade, permitiu que mais meios de comunicação abordassem os temas da campanha, mesmo neste contexto pouco favorável.

O resultado dessa ação foi a ampliação da visibilidade da campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**, com repercussão em veículos de grande alcance, seja no Brasil ou em países como França, Alemanha, China, Estados Unidos, Inglaterra, Portugal, Espanha e diversas nações da América Latina. Ao longo da campanha, a Redes da Maré se fortaleceu e consolidou como referência em ações de impacto em favelas e periferias, inspirando iniciativas em outras regiões, cidades e estados do Brasil.

Outro resultado relevante foi a rápida consolidação do boletim *De Olho no Corona!* como fonte primária de dados para jornalistas e sua ampla utilização em matérias e reportagens — uma demonstração da capacidade de organizações de favelas, em especial, da Redes da Maré, de produzir conhecimento para fundamentar ações, projetos e políticas públicas.

A CAMPANHA EM RESUMO



RESULTADOS

- Atendimento de 17.648 famílias, beneficiando 54.709 pessoas nas 16 favelas da Maré, através do fornecimento de uma cesta de alimentos e itens de limpeza e higiene pessoal por três meses.
- Distribuição de 65 mil refeições para população em situação de rua até o dia 15 de dezembro de 2020.
- Articulação de parceiros para efetivar o *Conexão Saúde*, que resultou num projeto consistente de testagem, informação, telemedicina e acolhimento para as pessoas contaminadas.
- Higienização de quase mil ruas, becos e vielas localizadas nas 16 favelas da Maré.
- Garantia de renda mensal para 129 moradores das favelas da Maré nas diferentes frentes de trabalho da campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus**.
- Inovação em metodologia e tecnologia sociais, resultando no desenvolvimento rápido e consistente de uma campanha de larga escala, com múltiplas frentes e logística complexa.
- Ampliação da capilaridade da Redes da Maré na região: novos lugares e públicos foram alcançados.
- Mobilização de uma nova rede de colaboradores, incluindo 56 voluntários moradores da Maré, que não tinham envolvimento prévio com a Redes. Nove desses voluntários foram contratados na Frente de Saúde da campanha.
- Identificação no território das 9.510 famílias mais negligenciadas pelas políticas públicas. Essa parcela da população deve ser acompanhada de forma prioritária e necessita de estratégias permanentes de proteção e acompanhamento.

- Parceria estratégica com o projeto *Campo Favela* para garantir segurança alimentar e nutricional para famílias da Maré, com distribuição de verduras e legumes orgânicos.
- Produção de mais de 2 mil imagens e fragmentos de textos, que compuseram os diários publicados no site a partir do projeto *Da Minha Janela*, sobre as experiências e percepções dos moradores da Maré a respeito da pandemia.
- Recebimento de pelo menos 100 doações distintas, vindas de instituições, empresas, fundações e indivíduos que se engajaram na campanha através da oferta de recursos financeiros ou materiais.
- Participação em 568 matérias, reportagens e artigos na mídia estrangeira, nacional, regional e comunitária a respeito da campanha, o conteúdo do boletim *De Olho no Corona!* e o *Conexão Saúde – De Olho na Covid*.

DESAFIOS

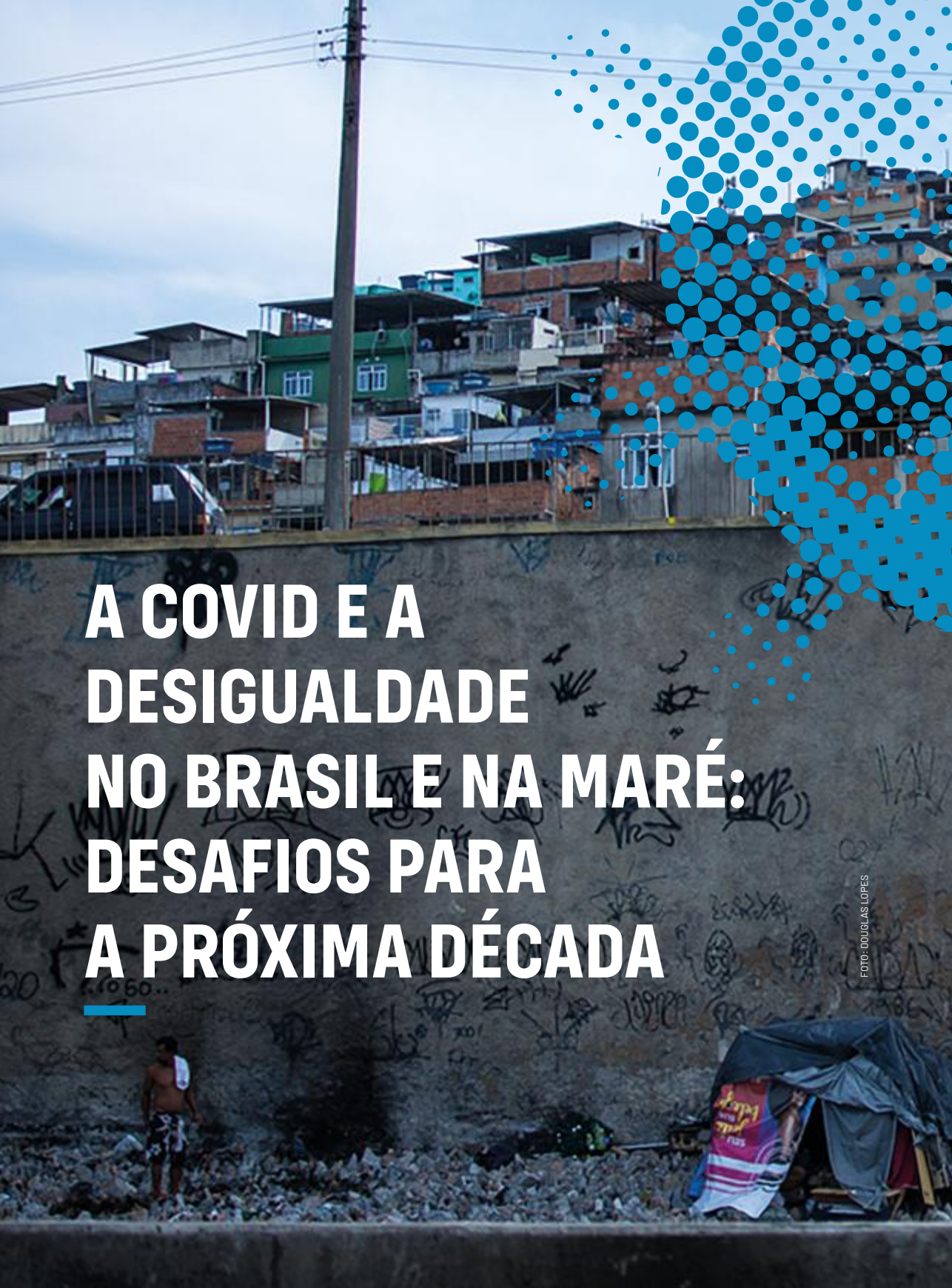
- A rapidez da evolução dos números da Covid-19 exigiu manter uma periodicidade semanal no monitoramento e divulgação dos dados da Maré.
- A subnotificação nos dados oficiais impediu que eles representassem a incidência real do novo Coronavírus, dificultando a análise da situação do bairro e da cidade. No município do Rio de Janeiro, só os casos comprovados da doença foram notificados, e sabe-se que muitos doentes, sobretudo os residentes em favelas e periferias, não tiveram acesso à testagem. Outro problema foi a falta de informações públicas sobre o perfil das pessoas contaminadas, como gênero, idade e cor.
- Diante da urgência de ações presenciais, foi necessário promover treinamento e adaptação das equipes aos protocolos de proteção individual e coletiva.
- O setor de comunicação precisou criar alternativas seguras para a realização de reportagens e adequar-se ao aumento das demandas. A necessidade de combater a desinformação e as *fake news* com informações seguras e baseadas em dados científicos exigiu a criação de novos produtos, como o *podcast*.
- A participação dos moradores com demandas, com críticas e sugestões, exigiu investimentos em pessoal e tecnologia.
- O contexto de pandemia impôs um tempo de resposta muito rápido por parte de todas as frentes da campanha. A necessidade, quase sempre urgente, de acesso às informações geradas pelas equipes envolvidas, principalmente as de atendimento direto ao público e de planejamento, tornaram o trabalho mais complexo.

- A construção de um sistema de dados complexo, simultaneamente à execução da campanha, foi um desafio. Poucos foram os momentos possíveis de treinamento e formação, fazendo com que o aprendizado fosse obtido no uso cotidiano, através de tentativas, erros e acertos. Informações duplicadas, não padronizadas e incompletas dificultaram o trabalho, assim como questões relacionadas ao território, como endereços genéricos e moradias em locais sem identificação formal ou precisa.
- Mobilizar e formar uma rede de colaboradores voluntários e deslocar tecedores para novas funções demandou a criação de espaços de formação, de troca, de cuidado e de acompanhamento de equipe, ainda que em contexto emergencial.
- A organização da logística de entrega – contratação de motoristas, mobilização de colaboradores e voluntários em escala, atualização constante do banco de dados e classificação das listas de entregas por favela, em ordem alfabética – exigiu constante aperfeiçoamento.

APRENDIZADOS

- A criação de uma logística de distribuição de doações em grande escala nunca havia sido experimentada pelas equipes da Redes da Maré. O trabalho envolveu a criação de um sistema de cadastro e atendimento ao público, relações com parceiros locais, sistema de entrega das doações, banco de dados, comunicação territorial e institucional, captação de recursos, prestação de contas, mobilização de novas equipes e funções.
- A importância da agilidade para reestruturar e organizar as equipes, conseguindo adaptar as mesmas e a própria campanha ao que o momento nos mostrava. Para isso, estabelecemos diálogo permanente com os moradores e parceiros para ajustar as ações e incluir novas possibilidades ao longo dos seis meses de trabalho.
- A percepção de que narrar as experiências vividas é um instrumento importante de elaboração do presente e projeção do futuro. Ações como a produção de diários e o projeto *Da Minha Janela* mostraram que promover e publicar tais narrativas amplia e promove debates importantes. Além disso, compreendemos que há uma conexão entre o exercício de narrar e a promoção do bem-estar e da saúde mental.
- A necessidade de utilizar a tecnologia para ampliar quantitativa e qualitativamente nossas ações futuras, a partir da criação dos sistemas de informações das famílias e do canal de comunicação com os moradores.
- O compromisso com ações e projetos que garantam geração de renda, uma das principais demandas de um número significativo de moradores das 16 favelas da Maré.

- A importância das ações de rua como tecnologia social de articulação do território. Entregas domiciliares, distribuição de máscaras e álcool em gel de porta a porta, além das distribuições de panfletos e refeições e a higienização das ruas mantiveram as equipes em contato com a população de forma constante e permanente. Esta foi uma maneira privilegiada de entender as demandas, articular cuidado, encaminhar casos emergenciais e de nos tornarmos referência no atendimento de muitas demandas dos moradores.
- Inventividade e criatividade nas formas de comunicar em situações de crise.
- Agilidade na captação de recursos e sensibilização de um público ainda não alcançado, associada ao cuidado na prestação de contas, baseada nos princípios da transparência e apoiada na comunicação para diferentes públicos.
- O reconhecimento da importância de liderança histórica da Redes e do seu envolvimento profundo em todas as dimensões e os processos construídos pela campanha, sempre com afeto e dedicação que foram contagiantes para a equipe. Ficou clara a legitimidade que a Redes da Maré vem construindo no território ao longo do tempo.



A COVID E A DESIGUALDADE NO BRASIL E NA MARÉ: DESAFIOS PARA A PRÓXIMA DÉCADA

FOTO: DOUGLAS LOPES

A crise humanitária desencadeada pela pandemia da Covid-19 é, sem dúvida, a mais grave dos últimos cem anos. Seus efeitos não se restringem à esfera da saúde, mas atingem a economia, a educação, a política, o Estado, o mercado e a organização da sociedade. Os impactos desta crise mudarão para sempre os modos de vida e relacionamentos que prevaleceram nas primeiras décadas do século XXI.

Entender a extensão e importância dos efeitos da pandemia exige considerar seus múltiplos desdobramentos, bem como os principais fatores que ajudaram a agravar a crise. Só assim poderemos construir soluções de longo prazo para estes problemas.

Podemos começar reconhecendo que um dos principais efeitos da pandemia foi o aprofundamento das desigualdades históricas em todo o mundo, e o consequente distanciamento entre ricos e pobres. No Brasil, em especial, esse foi um fenômeno sentido logo nos primeiros meses de propagação do novo Coronavírus, quando milhões de brasileiros sofreram com a retração econômica e, ao mesmo tempo, com a falta de assistência médica. Problemas agravados em decorrência da omissão do Estado brasileiro, em todos os níveis de governo.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) já enfatizou que o número de infectados e mortos está relacionado à qualidade e agilidade das medidas protetivas tomadas pelos diferentes países. Enquanto alguns governos se apressaram em proteger a população, seja implementando o isolamento social, seja desenvolvendo programas de auxílio emergencial, outros governos ignoraram ou minimizaram a gravidade da pandemia.

Esse foi o caso dos EUA e continua a ser o do Brasil. Em 2020, com o advento da pandemia, os presidentes desses países adotaram posturas “negacionistas”, recusando-se a reconhecer as dimensões do desastre. Enquanto as mortes se multiplicavam, estes chefes de Estado continuaram a negar a gravidade da Covid-19 e a necessidade de ações efetivas contra o vírus. Além disso, ajudaram a espalhar notícias falsas, recomendando a adoção de remédios e tratamentos sem comprovação científica.

No Brasil, a falta de uma coordenação federal atrasou a implantação de programas de combate à Covid-19 e incentivou parte da população a não seguir o isolamento social e os protocolos de segurança, facilitando a expansão da doença. A demora, por parte do governo federal,

“ Se quisermos uma vida melhor para todas as pessoas, precisamos combater obstinadamente as desigualdades sociais, raciais, econômicas, culturais e territoriais”

em criar programas de apoio econômico para aqueles que perderam renda e trabalho — o que só aconteceu com forte pressão social — dificultou ainda mais a vida de milhões de brasileiros e brasileiras atingidos pela crise. O fato é que, com o fim do auxílio emergencial e o agravamento das desigualdades socioeconômicas, o Brasil recuou para um passado que parecia superado e mais uma vez parte considerável de sua população mergulhou na extrema pobreza⁸.

Esse quadro só não foi ainda pior graças à mobilização de pessoas e instituições da sociedade civil que organizaram redes de apoio aos mais pobres. Cestas básicas, doações de kits de proteção e apoio financeiro garantiram algum alívio aos mais pobres.

Hoje, mesmo com a aproximação da vacinação em massa — mais uma vez o Brasil está atrasado — e com o possível controle da pandemia nos próximos anos, temos desafios enormes a serem enfrentados. Talvez o maior deles seja retirar da extrema pobreza os milhões de brasileiros e brasileiras que lá foram jogados pelo descaso dos agentes econômicos e do Estado.

Para tanto, é preciso recuperar e reforçar políticas públicas de apoio a essas pessoas e desenvolver ações preventivas contra o aumento das desigualdades. Não há outra saída. Se quisermos uma vida melhor para todas as pessoas, precisamos combater obstinadamente as desigualdades sociais, raciais, econômicas, culturais e territoriais.

Para fazer isso, no entanto, é preciso repensar o papel do Estado, dos agentes econômicos e da sociedade civil no Brasil e o que cada uma dessas esferas pode fazer em prol de uma sociedade mais justa e igualitária.

8. De acordo com estudo do FGV Social, em janeiro de 2021, 12,8% dos brasileiros viviam com R\$ 246 reais ao mês. <https://bit.ly/2MpBeeV>

O enfrentamento das desigualdades

Uma das lições mais importantes da pandemia foi o reconhecimento, por um público amplo, de que as desigualdades que vivemos no cotidiano são estruturais, e não naturais. Ou seja, são desigualdades construídas ao longo de nossa história e de nosso desenvolvimento como nação. É inegável que nosso passado colonial-escravista deixou marcas profundas e difíceis de apagar. Isso explica, por exemplo, a persistência do racismo, do machismo, da homofobia, do patrimonialismo e das práticas de apropriação aos cofres do Estado.

Por outro lado, também é preciso reconhecer que o sistema capitalista, sob o qual vive quase toda a humanidade, gera desigualdades e está irremediavelmente comprometido com elas. Em épocas de maior crescimento econômico, os benefícios advindos da produção de riqueza são apropriados por determinados grupos e setores econômicos, excluindo dos ganhos a maior parte da população. No entanto, quando ocorre uma crise ou depressão econômica, os prejuízos são socializados e divididos entre os mais pobres, preservando-se os grupos privilegiados. É exatamente este último cenário que temos vivido no país nos últimos meses. Os mais pobres são os que mais têm sofrido os efeitos da pandemia da Covid-19.⁹

Entender esses processos é fundamental. Pois, a partir daí, podemos nos perguntar: o que fazer diante de estruturas socioeconômicas construídas para perpetuar as desigualdades? Podemos ainda acrescentar outra questão: como, sob as desigualdades estruturais, poderemos criar ações que mitiguem os efeitos da pandemia que atinge os mais pobres?

A partir desse ponto, ganha relevância a discussão sobre os papéis do Estado e dos agentes econômicos. Isso porque, com a persistência da pandemia, ficou evidente que a receita neoliberal — Estado mínimo e mercado como regulador da vida — falhou no combate aos efeitos da Covid-19. Em todos os países do mundo, a despeito de matizes ideológicas e políticas, o Estado precisou assumir um papel ativo na proteção das pessoas e grupos mais vulneráveis. Precisou construir redes de proteção e distribuição de renda.

9. Uma pesquisa do FGV Social, divulgada em outubro de 2020, calculou que a renda dos mais pobres caiu 27,9% durante a pandemia. Em contraste, a renda dos mais ricos diminuiu apenas 10%. As informações podem ser encontradas em “Qual foi o efeito da pandemia sobre o mercado de trabalho?”. Disponível em: <https://bit.ly/3boco70>. Acesso em: fevereiro de 2021.

Já os entusiastas do mercado tiveram de reconhecer sua incapacidade para resolver questões sociais. Não foram as receitas econômicas de austeridade e de cortes em programas sociais, defendidas por muitos operadores financeiros, que ajudaram a socorrer a população. Muito pelo contrário: a pandemia deixou claro que as políticas públicas devem ser encaminhadas no sentido de gerar mais acesso à educação, saúde, renda e cultura, e que esta é uma responsabilidade do Estado. Sem tais políticas fica muito difícil construir uma sociedade mais justa e melhor para todas as pessoas.

Um símbolo dessas políticas, o Sistema Único de Saúde (SUS) teve papel fundamental nesta crise e ganhou novos defensores nas redes sociais e na imprensa. Mesmo com problemas estruturais, o SUS continua a prestar um serviço essencial à população, sobretudo aos mais pobres. Foi a ele que a maioria do povo brasileiro recorreu nos meses de pandemia, e coube aos médicos e médicas de hospitais públicos socorrer a maioria dos infectados.

No entanto, precisamos salientar que o combate à pandemia e as ações governamentais no sentido de garantir proteção à população foram prejudicados por determinados grupos políticos, que controlam a máquina estatal no Brasil de hoje. Esses grupos, identificados com as ideias da extrema-direita — pregação do ódio como prática política, perseguição violenta a adversários, uso de mentiras, ataques aos direitos humanos e à própria democracia — adotaram uma postura negacionista, que desacredita a gravidade da pandemia e a importância da ciência. São grupos que hoje têm representantes nos poderes da República, em especial na presidência e no congresso e, portanto, têm poder.

Por tudo isso, é importante que as instituições da sociedade civil, coletivos, empresas e todos aqueles dedicados às causas democráticas estejam vigilantes e atentos aos efeitos do negacionismo e da violência política que tanto prejudicam o combate à Covid-19. Isso se torna ainda mais necessário quando pensamos nas periferias e nas favelas, já que é nesses territórios que as consequências das crises sanitárias e econômicas costumam ser mais desastrosas.

O papel das organizações da sociedade civil e o lugar da Redes da Maré

A intensa atuação de instituições da sociedade civil no combate aos efeitos da crise socioeconômica e sanitária foi outro fenômeno social da maior relevância, que nasceu da crise gerada pela pandemia. Essa atuação se deu principalmente nos territórios mais vulnerabilizados, ou seja, nas favelas e periferias dos grandes centros. Nesses territórios a ajuda do Estado não chegou, ou chegou com muito atraso e de forma irregular.

Ao assumir a dianteira no combate à Covid-19 nos territórios mais pobres, as organizações da sociedade civil – ONGs, OSCIPs, coletivos, etc. – afirmaram seu papel e sua importância social. Embora entre eles exista uma enorme variedade e diferença de ideias, orientação política e entendimento sobre qual é o papel da sociedade civil, o fato é que as instituições e coletivos atuaram para garantir a vida e proteger da fome os mais pobres. Muitas organizações unificaram esforços e recursos e trabalharam juntas nos seus territórios.

Foram essas instituições, associadas a empresas e cidadãos, que arrecadaram toneladas de alimentos, dinheiro e outros recursos, produzindo correntes de solidariedade em prol dos mais vulneráveis.

A atuação das instituições sociais durante a pandemia nos desafia a pensar mais detidamente sobre seu papel e sua importância, independentemente da crise gerada pela Covid-19. Como tais instituições – podemos acrescentar aí os coletivos, que não possuem forma jurídica – podem e devem contribuir para a construção de um mundo mais justo e igual?

Em primeiro lugar, é preciso não abrir mão do Estado como condutor de políticas públicas estruturais que garantam a qualidade de vida da população brasileira, com especial ênfase sobre aqueles grupos mais vulneráveis (negros, indígenas, LGBTQ+, mulheres e pobres). Isso implica compreender que, por mais bem estruturado e qualificado que seja o trabalho da sociedade civil, ele não tem escala para atingir o impacto que o Estado atinge. Ou seja, as organizações da sociedade civil podem e devem cooperar com o Estado na garantia de direitos – cada um cumprindo o seu papel de modo claro e transparente – mas jamais substituí-lo. Compreender esse quadro ajuda a situar as próprias instituições sociais no campo e orienta suas ações.

A pandemia, portanto, deixou ainda mais claro a percepção de que ações emergenciais, como a mobilização organizada para enfrentar os efeitos da Covid-19, são necessárias, mas não podem se tornar rotineiras. Só com políticas públicas mais abrangentes e estruturais poderemos garantir o bem-estar da população. Nada impede, no entanto, que essas políticas tenham como parceiras as instituições locais cujo saber sobre o território é de enorme valia.

É a partir da compreensão desse cenário que a Redes da Maré construiu e segue aperfeiçoando seus projetos e ações: trabalhando para que o Estado cumpra seu papel na garantia dos direitos da população da Maré. Para tanto, a organização implementa projetos que respondem às ausências e precariedades do Estado, como a promoção do pré-vestibular comunitário, que apoia e forma estudantes da Maré para que ingressem nas universidades públicas. Ao mesmo tempo, produz informação qualificada sobre o território e suas necessidades, demonstra que é possível realizar atividades e garantir serviços de qualidade em regiões ditas “de risco” e com isso pressiona o poder público para que se volte para a região e responda às demandas da população.

Por isso, a Redes da Maré mobilizou todas as suas forças, capacidades, conexões e meios para atender à população da Maré, antes mesmo que os primeiros efeitos da crise sanitária e socioeconômica gerados pela pandemia fossem percebidos. As parcerias feitas com empresas, pessoas, órgãos públicos, institutos de pesquisa, universidades e instituições sociais geraram uma soma de recursos, que pôde ser transformada em ajuda para a população local.

Neste trabalho, o mais visível foi a distribuição de cestas básicas e produtos de higiene e proteção para milhares de famílias. Essa distribuição foi responsável por evitar a fome e contribuir para a prevenção da doença em mais de 17 mil lares na Maré. A intensa circulação pelo território permitiu que a organização obtivesse informações mais qualificadas e precisas sobre as localidades do complexo onde a necessidade de melhorias e de apoio é ainda mais urgente. Ou seja: a ação de entregas de alimentos produziu dados que irão subsidiar a construção de novos projetos, orientar estratégias de mobilização da população e demonstrar ao poder público as necessidades da população da Maré.

O fato, inescapável, é que esse “legado” da pandemia terá de ser enfrentado. Assim, neste exato momento, o desafio que a Redes da Maré e seus apoiadores e parceiros têm diante de si diz respeito ao que fazer frente à crise que agravou o quadro de injustiça, violência e desamparo que se abateu sobre a população das periferias e favelas do Brasil, como é o caso do Complexo da Maré.

Entendemos que todos os projetos e ações institucionais devem estar a serviço da construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. O enfrentamento de todas as desigualdades é o compromisso assumido por todas as pessoas que integram e apoiam a Redes da Maré. Todo o aprendizado produzido nesse período, as novas parcerias, o reconhecimento público deste trabalho e o endosso da comunidade, devem fortalecer a metodologia base da instituição: produzir informação qualificada sobre o território, mobilizar os moradores e influenciar o poder público para a implementação das políticas públicas.

No entanto, é preciso reconhecer que as mudanças estruturais só acontecerão verdadeiramente quando os moradores da Maré e de favelas forem, eles próprios, agentes das mudanças que desejam. Reconhecer esse protagonismo e, ao mesmo tempo, estar ao lado das lutas dos moradores é como a Redes da Maré cumpre o seu papel e contribui efetivamente para um mundo melhor.

“

O enfrentamento de todas as desigualdades é o compromisso assumido por todas as pessoas que atuam e apoiam a Redes da Maré”



A REDE QUE TECEU A CAMPANHA

A campanha **Maré diz NÃO ao Coronavírus** só foi possível pela dedicação e empenho de pessoas, organizações, instituições e fundações. Muitos já eram antigos parceiros e colaboradores, outros vieram se somar aos esforços durante a pandemia de Covid-19, movidos pela solidariedade.

Agradecemos a cada uma dessas pessoas e instituições por terem apoiado a Redes da Maré nas suas ações e, assim, permitirem a mitigação dos impactos da pandemia nas 16 favelas da Maré.

PARCEIROS APOIADORES

342 Artes

A.BRAND

Adriana Calcanhotto

Agência de Jornalismo e Checagem Lupa S/A

Alimentação Consciente Brasil

Ambev

Associação dos Docentes da UFRJ (ADUFRJ)

Associação dos Docentes da UNIRIO
(ADUNIRIO)

Associação dos Funcionários do BNDES
(AFBNDES)

Associação de Juizes para Democracia

AME

ANDES – Sindicato Nacional dos Docentes
das Instituições de Ensino Superior

ArqFuturo

Avaaz

B3 Social

Banco da Providência

Bar e Restaurante O Mais Querido da Gávea

Begreen

Bei Editora

Burger King

Cacau Show

Casa TT Burger

Cavalcante e Advogados Associados

Cela Luz

Centro Integrado de Estudos e Programas de
Desenvolvimento Sustentável (CIEDS)

Céu

Choco Specialite Chocolates Funcionais

Cia. Dos à Deux

Colgate

COMLURB

Conexão Covid Radar

Contagiados pelo Bem

#Designantivirus

Dermatus Farmácia Dermatológica

Dicionário de Favelas Marielle Franco

Do Bem (Ambev)

Doe Máscaras Brasil

Instituto Donadesi

Eneva

ENGIE Brasil

Escola Parque

Espaço Maya

Faroffa Solidária

Farol

Filone Padaria Artesanal

Fundação Banco do Brasil

Fundação para o Desenvolvimento Científico
e Tecnológico em Saúde (Fiotec)

Fundação Fernando Henrique Cardoso

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

Fundação Tide Setubal

Fundação Universitária José Bonifácio

Fundo Enfrente

Galpão 51

Gastromotiva

GLAC edições

Goldman Sachs

Granado

Grupo Ação Impacto

iBench

Infobip

Instituto BM&F – BOVESPA

Instituto Clima e Sociedade

Instituto da Criança

Instituto Galo da Manhã

Levi's

Lefosse Advogados
Livraria Argumento
Lloyd's
Máscara Para Todos
Mercy for Animals
Mesa Brasil
SESC RJ
Mi Ropa Su Ropa
Ministério Público do Trabalho - RJ
Mudadala Company
Neoenergia
Orgânicos in Box
Pitaia Rio
Portas Vilaseca Galeria - Programa
ARTE+CARE
Projeto Arrastão
Projeto #Colabora
Projeto Campo Favela
Projeto Distância que Une
Projeto Ovo
Projeto Solidariedade em Cursos - Laboratório
Filosofias do Tempo do Agora PPGF/UFRJ
PUC-Rio | Departamento de Artes e Design
Qualitech
Raiz Capixaba
Rede Solidária ABONG
Rede de Filantropia para a Justiça Social
Reserva
Restaurante Celeiro
Rio Contra Corona
Rodrigo Viegas
Samambaia Filantropia
Salon Line
San Chef
São Januário Tecidos
Saúde Criança

Sitawi Finanças do Bem
Sony Music
Starbucks
S2 Holding (Cantão e Redley)
Territórios Sociais, parceria ONU Habitat e IPP
Trama
Unicef
Urbanistas contra o corona
Vale
Verdejando
Walter Salles e João Moreira Salles
ZOÉ

PARCEIROS QUE JÁ APOIAM A REDES DA MARÉ

ActionAid
Brazil Foundation
BTG Pactual
Fundação Roberto Marinho
Instituto Credit Suisse Hedging Griffo
Instituto GPA / Meus Prêmios | Clube Extra
Instituto C&A
Instituto Moreira Salles
Instituto Nissan
Instituto Unibanco
Itaú Social
L'Oréal
ONS - Operador Nacional do Sistema Elétrico
ParaQuemDoar.com (Rede Globo)
People's Palace Projects
Rotary Club
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(UERJ)
Welight

PARCEIROS LOCAIS

16 Associações de Moradores da Maré
4ª Coordenadoria Regional de Educação
7 unidades básicas de saúde
1 Unidade de Pronto-Atendimento
3 Centros de Atenção Psicossocial
Coletivo Maré Vive
Conexão G
Conselho Tutelar
Consultório na Rua
Data_labe
EcoMaré
Luta pela Paz
Mães Especiais da Maré
Mães Vítimas de Violência da Maré
Maré Informação
Maré Longboard
Maré Solidária
Maré Vê
Maré 0800
Observatório de Favelas
Orquestra Maré do Amanhã
Para Elas Resistência Lésbica
Roda Cultural do PU
Skate Maré
Uerê
Vida Real

TECEDORES E VOLUNTÁRIOS QUE FIZERAM ACONTECER A CAMPANHA “MARÉ DIZ NÃO AO CORONAVÍRUS”

Adriana de O. Carneiro Lima
Adriana Ferreira Lima
Adriana Souza Moreno
Adriano da Silva Almeida
Afrânio Bezerra Peixoto
Alan Furtado Rocha
Alessandra de Souza Pinheiro
Alessandra Ferreira Lima
Alessandra R. Cotta Domingos
Alexandra Maciel
Alexandre Braz de Lima
Alexandre R. da Rocha
Alexandre Vieira
Alfredo Serejo
Aline Ádria Candido Ribeiro Borges
Aline Araújo da Silva
Aline de Aquino da Silva Miranda
Aline Galdino de Oliveira
Aline Maia
Aloísio Fortunato
Amabilio Gomes Filho
Amanda Mendonça
Amanda Rahra
Amapola Rios de Oliveira
Ana Barros
Ana Beatriz de Mello Giacomo
Ana Beatriz Policicchio Marques da Silva
Ana Carolina Barbosa Soares
Ana Carolina das Neves Silva da Hora
Ana Carolina Moreira
Ana Clara Passos Alves
Ana Claudia de Oliveira Britto

Ana Joventino da Cunha
Ana Kailany A. de Oliveira
Ana Maria Gustavo
Ana Paula da Silva
Ana Paula Gualberto
Anabela Paiva
Anália Melo de Souza
André Ferreira Rodrigues
Andre Galdino de Oliveira
Andre Luiz da Fonseca
André Melo dos Santos
Andréa Barreto
Andréa Paola Blum
Andreia Martins de O. Santo
Andressa Cabral Botelho
Andreza Dionisio Pereira
Andreza Jorge
Ângela Viana
Antonio Adalberto Bezerra Martins
Ariel Hernandez Civil
Arthur Luis Amaral Francisco
Arthur Viana de Andrade
Aruan Braga
Beatriz de Lima Pequeno
Beatriz Ramos
Beatriz Santos
Beatriz Vitória P. Rodrigues
Bianca dos Santos Barbosa
Bianca Polotto Cambiaghi
Bruna da Silva
Bruna Ferreira Montuori
Bruno Damião dos Santos
Bruno de Assis Campos
Bruno dos Santos Sousa
Bruno Lino Caitano
Bruno Silva Barros
Caiett Victoria Genial
Camila Barros Moraes
Camila Cristine Viana Mendes
Camila dos Santos
Camila Marques da Silva
Camille Gomes Campos
Carla de Paiva Camelo Pontes
Carlos André do N. Silva
Carlos Eduardo M. Torres
Carlos Henrique V. da Cunha
Carlos Marra
Carlos Miranda Chagas
Carlos Sheknah
Caroline Mendes Bispo
Cauã Gabriel Da Silva Santos
Charles Gonçalves Guimarães
Cíntia Reginaldo Soares
Clara Martinez França
Clarice Piedade Silva
Claudia Barreto
Claudia Ferreira de Moura
Claudia Lobato Monteiro
Cláudia Lúcia Barreto
Claudia Lucia da Silva de Sant'Ana
Claudia Martins
Claudia da Silva Santos
Cláudia Santos de Abreu
Claudia Simone Bezerril de Lima Costa
Cleber Luiz Izaías
Cleide Mel
Cremilda Vicente de Carvalho
Cristian Oliveira de Lima
Cristiane Cristina
Cristina Ferreira Martins
Daiana Azevedo da Silva
Dalcio Marinho Gonçalves

Dalila Carlota Ferraz Franco
Damiana Vicente de Lima
Daniel Abreu
Daniel da Silva
Daniel Soares Martins
Daniela dos Passos Miranda Name
Daniela Ferreira Nunes
Danielle Cardoso
Daniele Ribeiro Moura
Danielly R. da Costa Santos
Davi Marcos G. de Oliveira
David Candido Alves
Dayana Gomes Sabany
Dayana Gusmao da Silva
Debora de Oliveira Sant'Anna
Debora Garcia
Dener de Oliveira da Silva
Denis de Andrade Castro
Denize Pereira Ribeiro
Diana Casali Navarro
Diego Armando Lira da Silva
Diego Vivaldo Alves Cavalcanti
Diego Guimarães Riqueza
Diego de Jesus
Diego Lira
Diego Oliveira da Silva
Diene Andrade
Diogo Rosendo dos Santos
Djalma Francisco de Almeida
Doralice Soares da Silva
Douglas Bezerra Lopes
Douglas do N. Oliveira
Douglas James
Douglas Lopes
Douglas Santos
Douglas Viana

Drika de Oliveira
Edilene Rodrigues de Santana Silva
Edinaldo Batista dos Santos
Edivan da Silva Costa
Edna Alves
Edna Maria do Nascimento
Edson Cassiano de Souza
Edson Diniz Nóbrega Junior
Eduardo Carvalho dos Santos
Eduardo da Silva
Edvania Ferreira Bezerra
Eliana Sousa Silva
Eliane Laia
Eliane Maria do Nascimento
Eliane Nunes Oliveira
Eliene Sousa Silva
Elinete dos Santos
Elisabeth do N. Messias
Elisangela Rangel Pereira
Elivanda Canuto de Sousa
Ellen Cardoso
Elma Ashar
Elma R. de Oliveira da Silva
Eloana Feitosa
Eloi Leones Ramos
Elza Sousa Silva
ErasmO Carlos de O. Castro
Erica da Silva Ferreira
Érika Batista da Silva
Ernani Alcides A. da Conceição
Eunice Gomes
Eunice Lopes
Evaristo Moita Neto
Evelin Pereira Lopes da Silva
Everton Pereira da Silva
Fabiana Lima de Freitas

Fábio Ferreira Miguel dos Santos
Fabio Henrique Sousa Costa
Fábio Moreira Barglini
Fabricio Martins dos Santos
Fabricio Mota
Felipe Bacelar
Felipe de Sousa
Felipe Dias Sales do Nascimento
Felipe Pereira
Fernanda Andrade
Fernanda Santiago França
Fernanda Viana Araujo
Fernanda Vieira A. de Andrade
Fernando Nakamura Dias Quitério
Filipe Mendonça
Flávia Cardoso Pereira
Flavia Santana
Flávia Veloso
Flávio Nogueira
Flávio Vaz Affonso
Francisca Moreira
Gabi Lino
Gabriel Lima
Gabriel Pereira dos Santos
Gabriel Ramon Ferreira Lima
Gabriele Vidal
Gabrielly Martins Calado
Geisa da Silva Lino
Gesem Moraes
Getúlio França
Gilmar Rodrigues Gomes Jr.
Gilson da Silveira Jorge
Gisele Ribeiro Martins
Giselle Moraes
Gustavo Nunes
Helena Edir Vicente

Hélio Euclides da Silva
Henrique Gomes da Silva
Hilda Regina Teixeira Canindé
Hosana Lucas de Souza
Humberto Vinicius da Silva Rondon
Ines Cristina di Mare Salles
Inrian Edson da Silva
Irone Maria Santiago
Isaac Nunes dos Santos
Isabel Cristina Neves Pereira Coelho
Isabele Alves
Isabela Souza da Silva
Isabella Amorim Lopes
Isabella Porto Ribeiro
Ivanise Barbosa da Silva
Jackson Costa dos Santos
Jailton Florencio de Franca
Janaina Monteiro Melo
Jaqueline Lopes dos Santos
Jaqueline Soares da Silva
Jean Carlos Souza
Jeferson Luiz da Silva Souza
Jessica Cruz da Silva Andrade
Jéssica Soares Pires
Jô Hallack
Josenilda Maranhão da Silva Rodrigues
João Arthur R. da Costa
João Carlos Pivatto Lipke
João de Sousa Barreto
João Paulo Ferreira da Silva
Joelma de Sousa dos Santos
Joice da Silva Cruz
Jonatan Peixoto de Castro
Joqueiçan Ribeiro Pereira
Jorge Barbosa da Silva
José Carlos dos Reis

José Fabiano Alves da Silva
José Gerson da Silva
José Luiz Ferreira Neto
José Valter Garcia de Andrade
Josefa Cardoso Pereira
Joseilton Silva de Araujo
Josemery F. Custódio de Jesus
Juh Barbosa
Julia Carneiro Rossi
Julia Gonçalves Leal
Juliana Barbosa Pereira
Juliana Cunha
Julie Any Chaves de Oliveira
Julio Cesar Oliveira Medeiros
Juracy Carvalho da Silva
Kamila de Fátima Camillo
Katia de Ávila
Kátia do Nascimento Lopes
Katia Mara de Souza
Kayke Silvestre de Menezes
Kelly Cristine Marques da Silva
Kelly Santos
Kilmer da Silva Menezes
Kim Silva Ramos
Klaus Grunwald
Lais Martins Costa Araujo
Lara Moreira V. da Silva
Larissa Fernandes
Laura Franco Taves
Layz Vicente Peres da Silva
Leila Maria dos Santos
Leny de Aquino
Leonardo de Jesus Silva
Leonardo Castro
Leonardo da Silva
Leonardo Terroso Môça Ecard

Leonides Mariano Roque
Leopoldo Castro de Aguiar
Lethícia Barcelos Domingos
Leticia Ramos Marques
Letícia Santos
Levi Germano Batista
Lidiane dos Santos Felipe
Lidiane Malanquini
Lilian Leonel
Liliane Pereira dos Santos
Livia Santos Barros
Lohana Severo
Lorena Froz dos Santos
Luan Silva Veludo Frazão
Luana Vieira da Silveira
Luanna de Sena Passos
Lucas Ciavatta Pantoja Franco
Lucas Vinicius Kimer de França
Luciana Bento
Luciana da Fonseca
Luciana N. dos Santos
Luciana Oliveira Vila Boas
Luciene Glória Barbosa
Luciene Vieira de Andrade
Lucilene Gomes da Silva
Lucimar Souza
Luísa Fenizola
Luis Felipe Santos de Farias
Luiz Claudio Malanquini
Luiz Claudio Monteiro Peixoto
Luiz Felipe de Oliveira Bacelar
Luiz Gonzaga dos Santos
Luiz Gustavo de Souza Lucas
Luiz Rodrigues de Assumpção
Luiza Santos
Luna Escorel Arouca

A REDE QUE TECEU A CAMPANHA

Maiara Carvalho
Maiara Felix da Silva
Maíra Gabriel Anhorn
Maíra Ribeiro Spilak
Marcelo Oliveira
Marcelo Santos
Marcelo da Silva
Marcia Ávila
Marcia de Queiroz da Luz
Marcos Diniz de Armas Junior
Marcos Silva de Melo
Marcos Souza de Almeida
Maria Aparecida Oliveira Silva de Freitas
Maria Cleani Da Silva da Costa
Maria da Glória da Silva
Maria Daiane de Araújo Alves
Maria do Pérpetuo Socorro Costa
Maria do Socorro R. da Silva
Maria dos Remédios Marques da Silva
Maria dos Santos Honorato Filha
Maria Eduarda Souza
Maria Elza Silva
Maria Eveline Rodrigues
Maria Helena Albino da Silva
Maria Izabel de Melo Almeida
Maria José Torres
Maria Selma da Silva
Mariana Antunes Pereira
Mariana de Oliveira Aleixo
Mariane Rodrigues Gonçalves
Marinalva Pereira dos Santos
Marta Maria dos Santos Melo
Matheus Affonso Moreira
Matheus Fonseca Pinheiro
Matheus Oliveira
Mauricio do Rosário Pelais

Maurício Dutra de Oliveira
Mauricio Santos Jesus
Mauríllia Rodrigues
Maykon da Silva
Melquias Caetano
Michele Nogueira Gandra
Michelle Barros
Miguel de Oliveira dos Santos
Milena Afonso dos Santos
Milena Santos
Minervina Alves de Lima
Mônica Maria da S. Cândido
Moniza Rizzini Ansari
Myllenne N. Fortunato
Nathalia Leal dos Santos
Nathaly Monique Moreira dos Santos Ribeiro
Nathanael de Oliveira da Silva
Neilde Gomes Barcelos
Nilsimari de Oliveira Santos
Nivia Radigia R. Chavier
Núbia Erineuba Alves
Odair José V. Sousa
Olivia de Sousa Ramos
Pâmela C. Nunes de Carvalho
Pandro Nobã
Patrícia Amorim dos Santos
Patrícia Jardim
Patricia Martinez França
Patrícia Ramalho Gonçalves
Patricia Sales Vianna
Paula Duarte Rodrigues
Paulo Ricardo S. de Azevedo
Paulo Roberto de Andrade
Paulo Ronaldo da Silva
Paulo Victor de Oliveira Lino
Pedro Carvalho

Pedro Francisco dos Santos
Phellipe Azevedo
Priscila Fernandes da Silva
Priscila Jesus
Priscila Neves
Priscila Ribeiro
Queila Silva Moura
Rafael da Conceição Silva
Rafael Martins Costa
Rafael Sant Anna Santos
Rafael Valdemiro de Lima
Rafaela Otaviano Feitosa
Raimundo Queiroz Gonçalves
Raphael Magacho Borsari
Raphael Mendes
Raphael Vicente
Raquel Ferreira da Silva Bonfim
Rebecca V. Lorindo do Nascimento
Regina Lucia A. de Andrade
Renata Novaes
Ricardo Gusmão
Rita de Cassia Macedo dos Santos
Roberta Castro
Roberto França Pinheiro
Roberto Magno
Robson Pinheiro Martins
Robson Ribeiro Barbosa
Rodrigo Alexandre da Silva
Rodrigo Costa do Nascimento
Rodrigo Luiz Rodrigues
Rodrigo Maré
Rodrigo Souza
Romário Ferreira Euzébio
Ronaldo Avelino de Paiva
Rondio Silva
Rosangela Catarina

Rosangela Mello da Silva Correia
Rosemberg Rosário Miranda
Rosenira Modesto Claudio
Roy Bento
Ryane Leão
Samuel Fortunato
Sandra Kpormorne Agbolosu
Sandra Cristina dos Santos
Sandra Juliana Oliveira Machado
Sandra Oliveira
Sandra Solange G. Barbosa
Sarah Horst
Sergio Eduardo da S. Cabral
Shirlane Aline L. da Costa
Shyrlei Rosendo dos Santos
Silvania da Costa Leal
Silvania Santos
Simone de Souza
Simone Lauer
Simone Santos da Silva
Suelem Carvalho de Castro
Sueli Gomes da Rocha
Sueli Nascimento
Suzana Freitas
Suzane Santos
Sylvia de A. Velho Barreto
Tábata Rodrigues Lugão
Thaina Santos Cosme
Tarciso André Dias
Tatiana Macedo Altberg
Teresa A. Florêncio da Cruz
Tereza Cristina Silva
Thais Andrade do Nascimento
Thais Cavalcante da Silva
Thais de Jesus Custodio
Thais Gomes

A REDE QUE TECEU A CAMPANHA

Thais Martinez F. Barbosa
Thayza Lima Menezes
Thiago Correia dos Santos
Thiago de Paula
Thiago Labri Monteiro de Araújo
Thomas Harres
Thuany Vieira Nascimento
Trícia Maria Araújo de Lima
Uandergina dos Santos Silva
Valdina Pinto Homem
Valtemir Messias do Nascimento
Vanda Cristina dos Santos
Vanderson Felipe Cordeiro
Vanessa Campos da Silva Souza
Vanessa Gomes de Medeiros
Vanessa Pereira de Lima
Vânia da Silva Pereira
Veracilda Oliveira
Veronica de Santana
Victor Soares da Silva
Vilmar Gomes Crisostomo
Vinicius da Silva
Vinicius Felix do Vale
Vitor Felix do Vale
Vitor Pereira
Vitória Correia dos Santos
Viviane Fernandes da Silva
Viviane Linares
Viviane Maia
Wagner Nobrega Jeronimo
Willian Abreu
Willian Luiz Meira
Wilton Macedo da Silva
Zélia Jesus da Silva
Zeneida Duarte Belo

Você pode nos ajudar a fazer muito mais contra o coronavírus na Maré. A pandemia não acabou e sua doação é muito importante para continuarmos atuando na linha de frente.

CAMPANHA MARÉ DIZ NÃO AO CORONAVÍRUS

ACESSE E SAIBA COMO:

www.redesdamare.org.br

rede^{da}maré



1ª edição
impressão
papel miolo
papel capa
tipografia

abril 2021
meta
pólen soft 80g/m²
cartão supremo 300g/m²
barlow e config



ISBN 978658646436-8



9 786586 464368



mórula
EDITORIAL